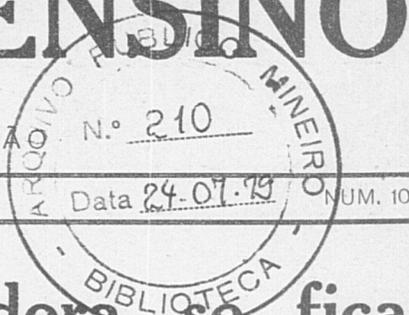


REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO

ANNO II

Bello Horizonte, Janeiro de 1926



Como, numa aula encantadora, se fica conhecendo o rio S. Francisco

AS LIÇÕES DE DRAMATIZAÇÃO

No ultimo numero desta revista, iniciámos a publicação de umas lições interessantés, adoptadas nalguns dos nossos grupos escolares—as chamadas lições pelo processo de dramatização.

São magnificas palestras sobre o assumpto da aula. Os alumnos aprendem, conversando.

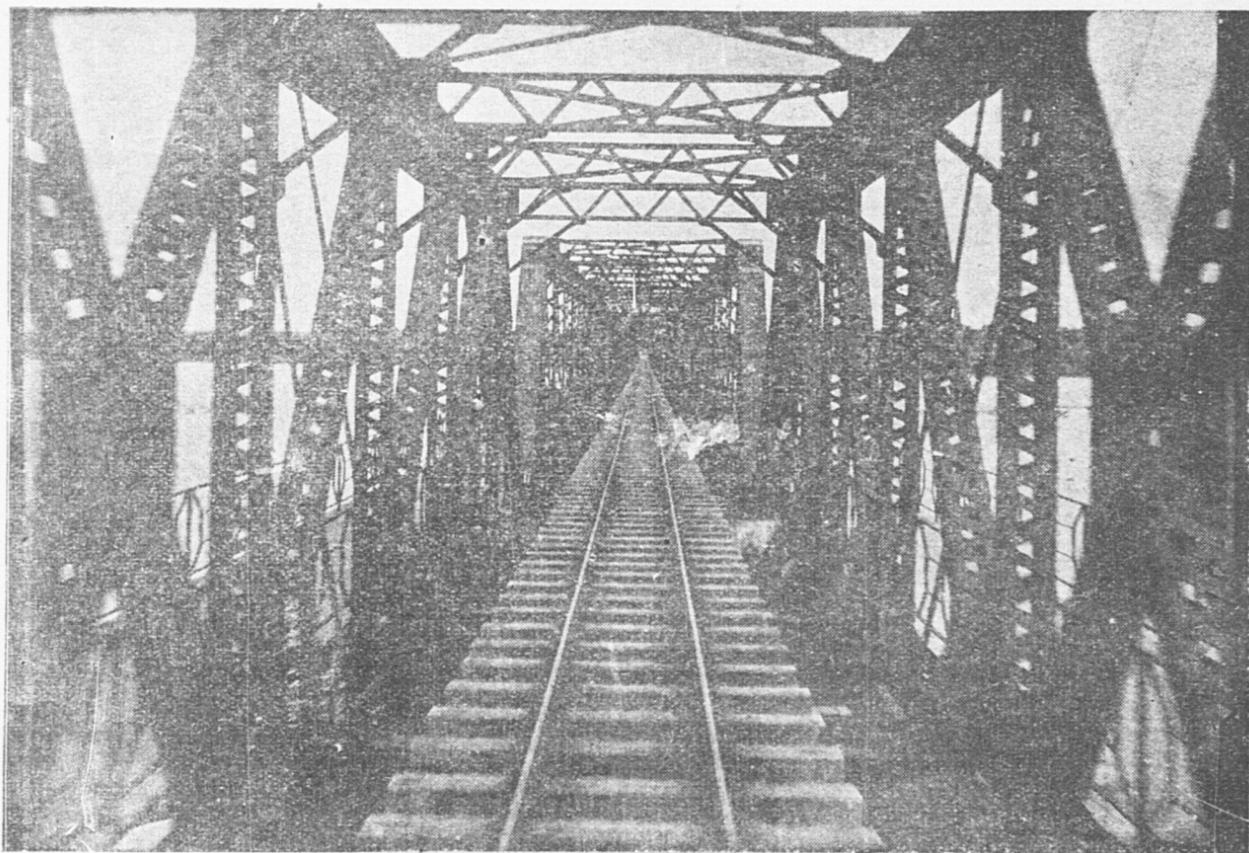
Publicamos hoje uma lição. Trata-se agora de uma lição sobre o Rio São Francisco. A palestra é de tal modo combinada, feita com tal leveza, que esta pagina pôde ser lida e apreciada por todos, professores ou não. Foi-nos offerecida pela professora Aurea Queiroga, do grupo Affonso Penna:

CLASSE DO 2.º ANNO

PALESTRA ENTRE ALUMNOS SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO

Nelly—Vamos brincar de escola ?
Todos—Vamos !
Marita—Eu sou a professora.
Stella—Você não sabe ensinar.
Marita—Si prestarem attenção, aprenderão muita cousa. Ruth, venha traçar aqui o esboço cartographico de Minas. Quem é capaz de dizer-me o que é um rio ?
Diva—Eu sou. Rio é uma cidade muito bonita.
Delza—O meu chapéo veio de lá.
Berenice—E o meu tambem
Ruth—Não é isso. Rio é um curso d'agua mais ou ménos profunda e caudalosa.
Regina—Qual é o rio que vamos estudar ?
Marita—O S. Francisco.
Branca—Onde está este rio ?
Edna—Nasce em Minas. O nosso Presidente viajou nelle ha pouco tempo, você não soube ?
Marita—Sabem mais alguma cousa a respeito desse rio ?

Dagmar—Elle é muito grande.
Silviano—O seu percurso é de 2.000 kilometros.
Ruth—A largura media é de 1.000 metros.
Esther—Cinco Estados brasileiros são banhados por elle.
Meselinda—Quaes são ?
Stella—Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.
Esther—Em 1501, o portuguez Nuno Manoel chegou á foz do São Francisco.
Dagmar—Onde fica a sua nascente ?
Stella—Na serra da Canastra.
Odette—Porque assim chamaram esta serra ?
Sylvio—A nossa professora, D. Marita, saberá responder ?
Marita—Alguns dizem que esta serra é assim chamada porque uns homens que a atravessaram, lá perderam uma canastra; outros querem que esse nome seja devido ao formato da serra.
José—A nascente do S. Francisco está bem perto da cidade de Piumhy.
Marita—Elle corre a principio de oeste para leste e logo depois procura o norte, indo desaguar no Oceano Atlantico.
Ivo—No seu curso, o S. Francisco traça aproximadamente um S.
Berenice—Elle tem muitos affluentes.
Angelica—Quaes são ?
Marita—Só vou citar os rios que elle recebe em Minas.
Eduardo—O rio das Velhas eu já conheço.
Marita—Sim; pela margem direita ainda ha outros: o Pará, o Paraopeba, e o Verde Grande.
Alarico—E pela margem esquerda ?
Marita—Pela esquerda ha o Abaeté, o Paracatú, o Urucuya, o Pardo, o Carinhanha.
Rubens—Qual é o lucro que o nosso Estado tem com esse rio ?
Marita—Diversos. E' um meio de communicação com a Bahia.



Ponte sobre o rio S. Francisco, em Pirapora, construída para o prolongamento da Central do Brasil. Tem mais de 600 metros de comprimento.

Eurico—Mas o S. Francisco não está navegável...

Wilson—Porque?

Dóra—Nelle ha varias cachoeiras e cascatas.

Maria—O que são cachoeiras?

Regina—São saltos, são quedas d'agua.

Marita—Em Minas elle forma as cachoeiras de Casca d'Anta e Pirapóra.

Alarico—Pirapóra quer dizer—salta, peixe!

Marita—Mais abaixo ficam a de Sobradinho e Paulo Affonso.

Ruth—Qual é a outra vantagem que esse rio offerece?

Stella—E' riquissimo o S. Francisco. Nelle ha grande quantidade de peixes. A região por elle banhada é muito fertil; ha lá madeiras de excellente qualidade.

Odette—O vapor que viaja no S. Francisco, pára em muitos logares?

Regina—Sim; elle faz parada quando deve se prover de lenha. Nestes pontos, chamados portos fluviaes, elle recebe tambem os productos para exportação: couro, fibras, peixes, madeira etc.

Ruth—O S. Francisco banha as cidades de Pirapóra, S. Francisco e Januaria.

Marita—Todos esses productos, havendo meio

de transporte, os habitantes das cidades ribeirinhas podem exportar e, assim, tornar Minas um dos Estados mais prósperos do Brasil.

Sylvio—D. Marita, você está hoje muito prosa, portanto queremos ouvir uma poesia.

Marita—(Recitando) *SÃO FRANCISCO* (Mário de Lima).

Desde o salto inicial de Casca d'Anta—origem da torrente caudal que forma Paulo Affonso—serpenteias, pujante, ora bravo, ora sonso, rompendo os pedregaes que no leito te affligem.

Ao vir da cheia, num tumulto, eis que se erigem tuas aguas. E, então, como um tritão iatonso, vaes, longe, transbordado, em feroz desengonço levando, a par do estrago, a vida na vertigem.

Os barrentos lençoes, que ás duas margens lanças, deixam no limo verde um fulgor de esperanças, ó «Nilo brasileiro», ó pae das sementeiras...

E, enquanto oscillam sobre o teu dorso as canoas, num hymno de saudade ao teu berço, rezões os canticos de amor das montanhas mineiras.

Sylvio—Agora sim! Estamos satisfeitos.

NOTA—Uma alumna faz no quadro negro o esboço de Minas. Os accidentes geographicos e as cidades são assignalados pelos alumnos que os citam.

UMA PAGINA COMMOVENTE DA INCONFIDENCIA MINEIRA

Degredo e morte de Gonzaga — Apesar do golpe com que o feriu a injustiça humana, não perdeu no momento a sua nobre serenidade e pode ainda mandar a Marília as notas doloridas da sua lyra

Por THOMAZ BRANDÃO

I

EMQUANTO aguardava ansioso o dia de seu prolongado julgamento, supportou Gonzaga estoicamente todas as amarguras de sua incommunicavel reclusão, e respondeu victorioso aos longos interrogatorios dos juizes devassantes, que em vão tentaram confundil-o com argumentos capciosos. No arrastar de tão angustiosos dias, tinha o animo fortalecido pela inconsciencia de sua inculpabilidade e pela esperanza de volver aos braços de sua adorada noiva, de cuja ausencia se consolava, escrevendo-lhe ternas lyras, portadoras de seus doridos queixumes. Ao ouvir, porém, a iniqua sentença que o atirava innocente ás plagas africanas, sentiu estalar todas as fibras do coração, e sua alma branda e sensível vacillou sob o peso de seu immenso infortunio. Apesar do doloroso golpe com que acabava de feril-o a injustiça humana, não perdeu no momento a firmeza e a serenidade, e pode ainda, ao partir para o desterro, mandar a Marília seu derradeiro adeus na seguinte lyra:

*Leram-me, emfim, a sentença
Pela injustiça firmada.
Adeus, Marília adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*Que vá para longes terras
Intimaram-me, eu ouvi.
A magua que então senti,
Justos céos, não sei dizer!
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*Mil penas estou sentindo,
E por que môr mal me faça,
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais te hei de ver.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*Por deixar os patrios lares
Não me fere o banimento;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*Não são as honras que perco
O que causa minha dor;
Porém ver que meu amor
Tal fim havia de ter.
Ausente de ti Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*A mão do fado invejoso
Vae fazendo em mil pedaços
Os doces e brandos taços
Com que Amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

*Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Porém nunca a mim tirar-me.
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.*

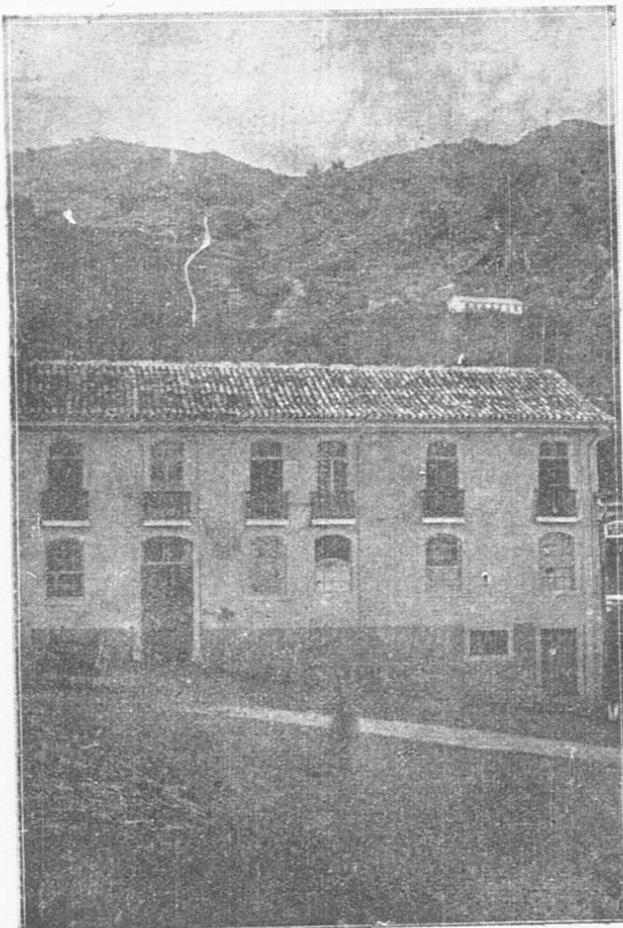
II

No dia 23 de maio de 1792, o navio da India, denominado *Nossa Senhora da Conceição, Princesa de Portugal*, ancorado então no porto do Rio de Janeiro, levantou ferra, e seguiu caminho da Africa oriental, levando em seu bojo o mais illustre dos martyres da conjuração mineira. Parece que seu tyranno fado lhe reservára o dia 23 de maio para lhe assignalar as datas mais tristes de sua existencia. Em 23 de maio de 1789 fôra preso em Villa

Rica, e conduzido para um dos carcereiros da Ilha das Cobras, onde curtiu quasi 3 annos de indiziveis tribulações: em 23 de maio de 1792, terceiro anniversario de sua prisão, seguia com destino ao exilio, onde tinha de cerrar para sempre os olhos fatigados de mortificantes vigílias. De Villa Rica á Ilha das Cobras caminhára animado da certeza de que voltaria dentro em breve, limpo de culpa e pena, porque tinha confiança na justiça humana: do Rio de Janeiro a Moçambique seguia acabrunhado pelo tristissimo desenganho da rectidão dos tribunaes terrenos.

III

Lançado semanas depois nas adustas terras da Africa oriental, (1) sob os ardores de mortifero clima, no meio de barbaros (2) e de animaes bravios (3) sem patria nem amigos, sem conforto nem lenitivo e, mais que tudo, longe, infinitamente longe, longe para sempre de sua adorada Marilia, daquella deslumbrante belleza de cabellos negros, daquelles encantadores olhos que lhe promettiam um eden de supremas venturas, o misero exilado de Moçambique, a innocente victima de Silverio dos Reis, o egregio martyr da nefanda alçada tocou o auge do soffrimento, experimentou todo o horror de sua desgraça, ascendeu ao Calvario de seu já prolongado martyrio. Amparou-o em sua immensa desventura Alexandre Roberto Mascarenhas, alma simples e compassiva, que lhe abriu as portas de seu lar hospitaleiro, acolhendo-o no seio abençoado de sua bondosa familia. (4).



Casa em que residiu Gonzaga, em Ouro Preto

Torturado, abatido, com o organismo intoxicado pelo ar mephitico do carcere, faltando-lhe já energia e fortaleza para resistir aos embates de sua implacavel sorte, adoeceu gravemente sob a influencia maligna do clima, e teria talvez succumbido, se lhe não coubéra o consolo de ter á cabeceira D. Juliana de Souza Mascarenhas, filha de Alexandre, a qual se desvelou em seu tratamento, prodigalizando cuidados e carinhos, até que recuperasse de todo a saúde e as forças perdidas. Assim aconteceu, talvez ao inverso de seu desejo. Ha conjuncturas em que a morte é mil vezes preferivel á vida. Na irremediavel e dolorosa condição em que o abysmára a fa-

talidade, melhor lhe fôra, si houvesse morrido. Condemnado a dez annos de degredo, com ameaça de forca, si voltasse ao Brasil, devia de uma vez para sempre ter ficado desilludido da possibilidade de seu casamento com Dorothea (5). Este seu sonho dourado, que o embalára por tanto tempo, e o confortára nas amarguras do carcere, se havia convertido em terrivel pesadelo, de cuja oppressão não podia se libertar.

Desfeito pela força das circumstancias o vinculo que o ligava a Dorothea, já lhe não era licito continuar a corresponder-se com ella. Separados um de outro pela vastidão do Atlantico, ninguem lhe trazia noticias della, ninguem lh'as levaria delle. Considerava, pois, tudo acabado, como si sobre elle houvesse ruido a lousa tumular.

Cançado de tanto soffrer, cahiu em profunda melancholia. Desde então se pôde dizer que cessou de existir o terno cantor de Marilia, o meigo vate dos idyllios pastoris, o plangitivo recluso da Ilha das Cobras.

O sopro sinistro da desgraça apagou-lhe o estro inspirado, e naquelle espirito peregrino, até então illuminado pela centelha do genio, começou a adensar-se pouco a pouco a noite terrifica da loucura.

IV

Como que buscando allivio á nostalgia que o mortificava, o melancholico redivivo de Juliana permanecia á beiramar horas esquecidas, sentado de frente para o ponto do horizonte, além do qual

imagina demorar o Brasil. Que pensamentos estranhos lhe tumultuariam então na mente incandecida e já meio desvairada pelas torturas de seu cruel fadario? A contemplar absorto a immensidade do mar, quantas vezes se lembraria do infeliz idyllio de Leandro e Hero! De Leandro a transpôr a nado, todas as noites, o Hellesponto para abraçar a Hero; de Hero a activar o facho que accendia na torre de Sestos para guial-o na escuridão das ondas! Quem lhe dêra, diria comsigo, poder tambem, mais forte que Leandro, atravessar a nado o Atlantico

O elogio do mestre no esplendor de umas phrases

“QUANDO um verdadeiro professor primario sente a completa e clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma anagogia extatica, como o arrebatamento de espirito, que, nos primeiros tempos da vida monastica, transfigurava o asceta. Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um Deus: é a Patria, que se installa no seu espirito. O professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade annulla-se: elle é a Patria, visivel e palpavel, raciocinando no seu cerebro e falando pela sua bocca. A palavra, que elle dá ao discipulo, é como a hostia, que, no templo, o sacerdote dá ao commungante. É a eucharistia civica. Na lição, ha a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda a nacionalidade”.

OLAVO BILAC

para lançar-se nos braços de sua adorada Marilia! Maldizendo talvez sua impotencia para arrojarse á braveza das vagas, quem sabe si lhes não imploraria que o arrebatassem d'alli, o levassem no seu movediço dorso até ás costas do Brasil, e lá o arremessassem á praia como um fardo fluctuante?

Condoida da tristeza do desditoso convalescente, Juliana tirava-o frequentemente de seu angustiado scismar, chamando-lhe a attenção para cousas que o distrahissem. D'aqui se originou entre ambos uma doce familiaridade, que não tardou em ligal-os por mutua e verdadeira estima. A compaixão de uma parte, de outra o reconhecimento influiram naturalmente para que se affeiçoassem um ao outro. Parece que a Providencia, apiedando-se do desventurado proscripto, lhe deparou alli aquella alma ingenua e simples para lhe suavizar o coração chagado. Embora lhe não sahisse do pensamento a encantadora imagem de Dorothea, começou a comprazer-se da companhia daquella morena donzella, flor inculta das plagas africanas, que ostentava todo o viço da mocidade na frescura de suas dezenove primavéras. Pobre naufrago a debater-se exausto no tormentoso pelago da adversidade, entrou a entrever como taboa de salvação seu consorcio com aquella virgem de coração meigo, que se fizera seu anjo tutelar. Era um requinte de gratidão, pensaria comsigo, offerecer-lhe a mão de esposo para testemunhar-lhe assim seu entranhado reconhecimento, e corresponder a seus extremos de affecto e dedicação.

(Capitulo XI de *Marilia & Dirceu*, obra inedita).

(Continúa)

(1) Gonzaga esteve desterrado na villa de S. Sebastião (hoje cidade), sita na pequena ilha de Moçambique, da costa da Africa oriental, e então séde do governo da provincia de Moçambique, pertencente a Portugal. A dita ilha tem 2.500 metros de comprimento e 1.500 de largura e 5.000 de circumferencia, e é separada do continente por um canal de cerca de cinco kilometros de largura. O clima é muito quente e insalubre, e a agua pessima. (*Dicc. de Geographia Universal*).

(2) A população de Moçambique compunha-se de aborigenes e de mouros, descendentes dos antigos conquistadores, e tambem de brancos em numero menor, principalmente portuguezes. Os aborigenes eram e ainda são todos muito bellicosos, e em geral estupidos.

Foi de Moçambique que em 1645 começaram a ser exportados escravos para o Brazil. (*Idem*)

(3) Elephantes, rhinocerontes, hippopotamos, bufalos, antilopes, leões, leopardos, etc. (*Idem*).

(4) Gonzaga tinha parentes no Rio de Janeiro, d'onde era natural seu pae. E', pois, de crer que algum delles, directamente ou por intermedio de algum amigo, o recommendasse a Alexandre Mascarenhas. A exportação de escravos de Moçambique para o Brazil devia manter entre as duas colonias frequentes relações commerciaes e de negocios.

(5) Tem-se dito que Gonzaga propôz a Dorothea alvitre de se casarem na Africa, o qual ella não accitou. Não passa isso de mera supposição, fundada ao que parece na lyra XXXIV, em que ha a seguinte estrophe:

Tu me dizes que siga meu destino;
Pois que teu amor sempre
Será fiel e dino.

Ora, não podia ter acudido a Gonzaga semelhante alvitre, porque elle bem sabia que a razão unica do demasiado retardamento de suas nupcias havia sido o terror que tinham as tias de Dorothea de vel-a partir para longes terras. Imagina-se por aqui a opposição que fariam á sua ida para a Africa, si ella se manifestasse disposta a acceder a tal proposta, caso a houvesse.

CORRIGENDA; — Na segunda parte do capitulo precedentemente publicado, leia-se: no § V, *fastos e não postos*; no § VIII, *procederem a outra devassa e não a uma ou outra devassa*; no § IX, *o de seus amigos e não de seus amigos*. Ha outros erros que não alteram o sentido.



Collegio Santa Catharina, em Juiz de Fóra

O ENSINO DA LEITURA E DO VOCABULÁRIO

Dada a falta de uma selecta intelligentemente organizada para a leitura, o tino do professor pôde remediar a falta escolhendo trechos accessíveis á intelligencia do alumno e capazes de interessal-o

Por **CLAUDIO BRANDÃO**

MAIS proveitosa ainda ao enriquecimento do vocabulário é a *leitura applicada*, quando se pratica com os requisitos para sua efficiencia.

E' de lamentar que os livros destinados á leitura nas aulas de portuguez ainda se distanciem tanto do ideal pedagogico. Muitos delles, além da feitura antiesthetica, peccam pela escolha dos trechos e dos assumptos e pela distribuição dos mesmos. Contêm, não raro, paginas sem grammatica, sem estyló, pesadas, nebulosas, interminaveis, que enfadão o professor e cansam o discipulo. Evitem-se livros taes ou, pelo menos, alguns de seus lugares, pois matam na criança o desejo de estudar.

Uma selecta organizada com intelligencia, que enfeixasse excerptos interessantes, variados, medi-

dos e verdadeiramente artisticos, prestaria ao ensino valioso subsidio, porquanto os alumnos se com-
prazeriam em lê-la, ainda mesmo fóra das aulas, augmentando, assim, as oportunidades de aprenderem e de tornarem mais proficuas as explicações recebidas.

Póde, todavia, o tino do professor remediar, até certo ponto, as falhas do livro, quando sabe elle escolher os trechos accessíveis á intelligencia do discipulo e capazes de interessal-o, de preferencia aquelles que, em poucas linhas, condensam uma unidade logica. Não se limite, porém, a um só genero literario. Varie quanto possivel os themas das lições, dando ora uma narrativa, ora uma descri-

ção, ora um perfil, em espécimes alternados de prosa e poesia.

Escolhido o texto, o professor, com voz sonora, lenta e modulada, o lerá para os alumnos, que acompanharão em seus livros essa leitura. Terminando-a entrará o mestre a explicar as acepções em que foram empregados os vocabulos principaes; examinará, sem digressões nem paavreados, o sentido de cada phrase, mostrando, ao mesmo tempo, a successão, as transições e o entrosamento das idéas parciaes, para deduzir, emfim, a idéa geral e fazer a synthese do trecho. Só então é que os alumnos devem lêr, pois para lêrem bem é preciso comprehendam o que lêem.

Feito isso, a classe toma o lapis e o papel. O professor volta ao principio do texto, e percorre algumas linhas, estudando cada palavra importante. Indica-lhe os sentidos mais usuaes, concretizando-os em phrases formadas pelos escolares; cita-lhe os homonymos e os paronymos; enumera-lhe os cognatos mais communs, discriminando os prefixos e os suffixos e definindo-lhes, com exemplos bem caracteristicos, as cambiantes semanticas. Servindo-se depois destes elementos, obrigará o alumno a recordar ou a crear vocabulos em que elles occorram nas suas diversas significações.

E' tambem aconselhavel que o mestre dê, *com sobriedade e singeleza*, algumas idéas uteis suggeridas pela palavra em exame: si nome de planta, mencione alguns termos botanicos *necessarios e comprehensíveis*; si nome de um phenomeno *n. e. tereologico*, nomeie mais alguns desses phenomenos; si nome de um mester, lembre outros mesteres ou refira algumas expressões relativas aos mesmos. Não se restrinja, porém, só aos substantivos; trate tambem dos adjectivos, dos verbos e adverbios applicaveis a certa ordem de idéas.

Este processo é de largo emprego nos paizes

cultos, mórmente na didactica das linguas classicas e estrangeiras. (1)

Euscusado fóra dizer que o unico methodo eficaz em tal ensino é o socratico. As explicações proferidas *ex-cathedra* nada valem: o professor não póle esquecer os discipulos um só momento. Mantenha-os attentos mediante perguntas reiteradas, dirigidas a todos e respondidas por um ou alguns que elle designar. «La vraie classe est l'œuvre commune du maître et des élèves». (2)

E' antipedagogico marcar-se um trecho para que os alumnos, por si mesmos, lhe tirem os significados: ou elles o não farão, ou o farão sem proveito, maltratando preciosas energias.

Ao professor é que cumpre selectar os vocabulos que elles devem conhecer, e explicar-lh'os, segundo as normas acima expostas.

Para que mais duradouramente se gravem as palavras apprendidas, póde exigir-se a copia ou a memorização do texto explicado, quando for curto e verdadeiramente bello.

A recitação contribue, auditivamente, para se fixarem a pontuação e as inflexões vocaes proprias de cada genero de phrase; a copia concorre, visualmente, para estabilizar-se a orthographia e a pontuação. Pódem ainda os alumnos resumir por escripto a pagina lida. Nunca se dêem para exercicios de copia ou de memorização, sinão trechos que houverem sido, plena e nitidamente, comprehendidos pelos escolares. O contrario disso, quer dizer, a decoraçáo ou a copia mechanicas e inconscientes, é o processo mais irracional, mais damnoso, que possa desdourar os credits de um professor.

(1) Vd.—Bornecque — *Questions d'enseignement secondaire en Allemagne et en Autriche*, pag. 193.

Buisson—*Nouveau Dictionnaire Pédagogique* (1911) art. *Vocabulaire*.

(2) Doliveux—*Rapport—Revue Pédagogique* (1905), t. 1, pag. 249.

Um pouco da historia de Marianna

O velho ribeirão do Carmo—fonte de ouro no passado, fonte de ouro no presente...

Publicamos a seguir um resumo da historia da cidade de Marianna, feito pela profesora Olimpia Santos, daquela localidade.

EM 1692, Vicente Lopes, que havia levado a S. Paulo a noticia da fundação do arraial de Itaverava, no caminho do Tripuhy, que não fóra possivel encontrar, voltou para Minas com o bravo sertanista Antonio Rodrigues Arzão e mais 50 companheiros.

Para descobrir novamente o Tripuhy formaram elles duas expedições, seguindo cada uma para um lado.

A expedição de Arzão seguiu o curso do rio Piranga onde encontrou algum ouro, mas guiado por uns indios que pareciam conhecer o Itacolomy, foi esbarrar com o Rio Casca onde encontrou ouro, mas onde morreu grande parte da expedição.

Auxiliado pelos indios purys, que ali appareceram fugindo dos botucudos, Arzão conseguiu sair no littoral do E. Santo de onde foi para o Rio de Janeiro e dahi para S. Paulo, onde morreu tendo antes entregado o roteiro de sua viagem a seu cunhado Bartholomeu Bueno de Siqueira.

A outra expedição seguiu em vão pelo valle

do Rio das Velhas (Guaycuhy) onde fez plantações para socorrer a expedição.

Bartholomeu Bueno de Siqueira, associando-se com Miguel Garcia de Almeida, que dispunha de muita gente, voltou ao arraial de Itaverava em 1694.

Como os primeiros exploradores, partiram elles em diversas direcções em procura do Itacolomy e do Tripuhy, sempre firmados em Itaverava, onde fizeram grandes plantações.

Em suas excursões, Miguel Garcia descobriu um curso d'agua que resolveu acompanhar, tendo encontrado logo abaixo, na emboçadura de um corrego, muitas pepitas de ouro e signaes visiveis do mesmo.

Esse corrego é o Gualaxo do Sul que córta uma parte do municipio de Marianna.

Miguel Garcia colheu o ouro e tornou a Itaverava, resolvido a voltar com instrumentos de batear, e tendo encontrado ahí o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, com uma grande expedição, trocou o ouro que levava por uma espingarda de que tinha grande necessidade.

Regressando dias depois do Rio das Velhas, Bartholomeu Bueno ficou indignado com a troca do ouro pela espingarda e resolveu desligar-se de Miguel Garcia.

Em principio do anno de 1696, Salvador e Garcia seguiram o rumo do norte de Itaverava, ainda não explorado e, de pesquisa em pesquisa, foram ter ao descoberto de Miguel Garcia (Gualaxo

do Sul) onde fundaram o arraial do Fundão, hoje chamado Vargem, que foi berço de Claudio Manoel da Costa.

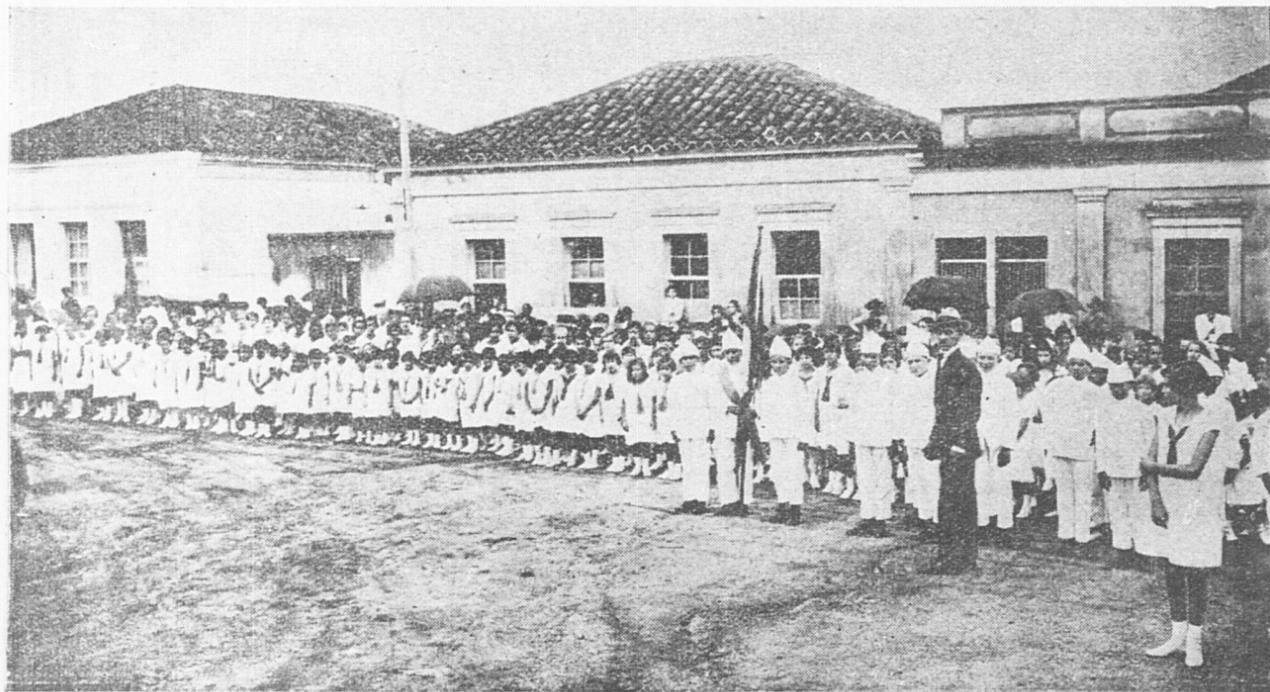
Examinando a região, descobriram outros ribeiros auríferos que foram explorando até que chegaram ao pé da serra do Itacolomy (do lado opposto) onde Belchior da Cunha Barregão e Bento Leite da Silva fundaram arraiaes que ainda existem com o nome de seus fundadores, embora muito decadentes.

Coronel Salvador e Miguel Garcia proseguiram na exploração e ouvindo rumor de agua volumosa, por entre a matta espessa foram descendo a serra e descobriram um rio em cujas praias a enchente tinha deixado grande quantidade de ouro visivel.

Encantados com a descoberta, ahí mesmo renderam graças a Deus e tomaram posse da região sob a proteção de N. S. do Carmo, por ter sido no dia 16 de julho de 1696, dia de N. S. do Carmo, que pisaram as margens do rio a que deram o nome de Ribeirão do Carmo, em cujas margens fundaram o arraial, que é hoje a cidade de Marianna.

As terras de Marianna são ainda riquissimas, sustentando uma poderosa Companhia de Mineração (Passagem) cujos engenhos trabalham noite e dia, e o tão explorado Ribeirão do Carmo ainda fornece ouro, no tempo das chuvas, a muita gente pobre, que vai nelle batear.

OLYMPIA SANTOS



Festa da Bandeira em Guaxupé — Alumnos do Grupo Escolar "Delfim Moreira" e da escola municipal "Bom Jardim"

A BELLEZA DE UNS VERSOS PARA UMA LIÇÃO DE HISTORIA OU GEOGRAPHIA

TRES SONETOS DE MENDES DE OLIVEIRA

SANTA LUZIA

ROMEIRO do passado, eu quiz sentir de perto
As fortes emoções desta cidade antiga,
Como quem, a sonhar, rememora e investiga
As reliquias reaes de um palacio deserto.

Aqui, (e emocionado o coração aperto!)
Um pugilo de horões, sem temor nem fadiga,
Por não dobrar a cerviz á phalange inimiga,
Luctou, de sol a sol, sob este céu aberto.

Diga, por mim, da guerra e deste povo, a historia!
Rio das Velhas, narra aos ventos, com saudade,
Os prelios e os fanaes dos teus dias de gloria!

Deixa, Musa, fallar a toda a immensidade,
Dominando a amplidão, grandiloqua e marmorea
No seu topo azulado — a Serra da Piedade!

VILLA RICA

(NO SEU BI-CENTENARIO)

DOIS seculos emfim alcança a tua idade!
No entanto, quem te vê e o teu solo palmilha
Sente no coração a extranha maravilha
De te encontrar florida em plena mocidade.

É que não morre nunca, altaneira cidade,
O sol que a fama accende e que na historia brilha,
Porque com o seu clarão foi que o céu fez partilha
Da justiça, dá gloria e da immortalidade.

No oceano do passado o espirito mergulho,
Contemplando, ao fulgor de uma idéa presaga,
Todos os teus herões, neste dia de julho.

A minha alma, sonhando, hoje o teu seio affaga,
Beija o nobre torrão, que lembra, com orgulho,
Os nomes de Marilia e de Thomaz Gonzaga!

PARAHYBUNA

EU interpreto bem as convulsões e maguas
Que o teu curso normal desviam, de anno em anno,
Amarguras eguaes ao teu soffrer insano,
Ha muito que as maldigo: apesar disto, afoço-as.

Lembranças de outra edade e immarcesciveis fragoas
Ardendo sobre o leito em que vaes para o oceano,
Imprimem-te no aspecto um soffrimento humano,
Esse tedio que ensombra e segue as tuas aguas.

Recordas o passado, em que eras fonte, apenas,
De liquido crystal sonoro: e tens saudades
Das planicies em flor e das manhãs serenas.

Por isso, rio triste, é que ás vezes invades,
No aneio da caudal que leva as tuas penas,
Ribeirinhos vergeis, povoados e cidades.

A Padroeira da Independencia

A HOMENAGEM REPUBLICANA QUE SE LHE PRESTOU FOI UM EXEMPLO DE TOLERANCIA POLITICA E UM GESTO DE JUSTIÇA HISTORICA

Por MARIO DE LIMA

A 11 de dezembro, proximo findo, um grupo de republicanos, a que se associou a alma nacional, prestou, no Rio, carinhosas e justas homenagens á memoria da Archiduqueza Maria Leopoldina Carlota Josepha de Habsburgo, primeira imperatriz do Brasil, commemorando, assim, o 99º anniversario do seu passamento.

Esse bello movimento de justiça collectiva ao nobre espirito da excelsa princeza, cognominada, com razão, «A Padroeira da Independencia», foi um remate condigno ás imponentes ceremonias com que o coração brasileiro commemorou o centenario do nascimento de Pedro II, o Magnanimo.

Incompleto seria o preito de veneração ao egregio monarcha, si ao seu nome não se houvesse entrelaçado o de sua mãe, a augusta princeza austriaca, cujo coração bateu tão fortemente pela patria adoptiva e que como já foi com felicidade assignalado, vinçara com as marcas indeleveis de sua alma o temperamento de seu grande filho, pois, boa somma das qualidades, que exornavam o caracter deste ultimo, vinha sem duvida do influxo da psychologia materna.

Neto «dessa mulher impudente e dissoluta que foi Carlota Joaquina»; «filho desse homem sensual e erotico que foi Pedro I», — só de sua mãe, a Imperatriz Leopoldina, poderia ter Pedro II herdado as virtudes que tanto lhe realçavam a peregrina personalidade.

Doloroso destino o dessa mulher superior! Vergontea preciosa do mesmo tronco dynastico de que era tambem rebento Maria Luiza, impera-

triz dos francezes; se's annos mais moça que sua irmã, a esposa de Napoleão I, — que contraste apresenta a existencia das duas princezas!

Maria Luiza sobe ao throno de França, esmagando o coração de Josephina, repudiada pelo vencedor da Europa.

Maria Leopoldina, das eminencias do sólio imperial, assiste, amargurada, á triumphal ascensão da Marquiza de Saixos, dentro da propria cõrte, e — o que é mais cruel ainda — sente-se desthonada, no coração do esposo, pela afortunada e dominadora rival.

A mulher de Napoleão, desinteressada da sorte de sua patria adoptiva, indifferente ao infortunio do grande exilado de Santa Helena, esquece depressa o marido e o filho, o desventurado Rei de Roma, l'Aiglon, para cair successivamente nos braços do general de Neipperg e do Conde de Bombelles.

Maria Leopoldina, ao revés, mantém á altura da sua dignidade de soberana a sua dignidade de mulher.

Recalca na alma atribulada a sua tragedia intima. E, amando ainda o Imperador infiel, que a

despreza pela comborça Domitila, Leopoldina mergulha na penumbra do lar e, no silencio domestico, acrysolta sua alma, devotando-se á criação dos filhos, sem olvidar o futuro de sua patria de adopção.

Maria Luiza, Grã Duqueza de Parma, voluptuosa e leviana, finda seus dias, quasi sexagenaria.

Maria Leopoldina, virtuosa soffredora, morre com menos de 30 annos, martyr resignada em plena mocidade!

Deixando a faustosa cõrte de Vienna, a joven archiduqueza vinha para o Brasil ainda sob a im-



D. Maria Leopoldina, a primeira imperatriz do Brasil, mãe de D. Pedro II

pressão que lhe causára o retrato de seu marido, apresentado pelo Marquez de Marialva, cercado de diamantes da mais pura agua.

«Por extremo agradou á Serenissima Senhora Archiduqueza, — escrevia o mesmo Marquez, incumbido da missão do casamento, que se realizou, na Austria, por procuração, — a physionomia de S. A., o Principe Real, dizendo-me a mesma Senhora que muito coincidião as feições que observava naquelle retrato com a idéa que ella formava das virtudes moraes possuidas pelo Augusto original dellas».

Tremenda decepção deveria ter experimentado a illustre filha do Imperador Francisco II.

Como o original daquella mendaz photographia deixou, em breve, de corresponder ás impressões tão gratamente despertadas no espirito da desventurada princeza!

Quão ephemera foi a duração da ventura que imaginára!

Sua intelligencia, cultura e virtudes davam-lhe, no entanto, direito a aspirar á felicidade que tão fugazmente brilhou em sua vida.

«Era perfeita a educação de S. M. I. a Sra. D. Maria Leopoldina, diz um de seus contemporaneos. Seus talentos eram variados, suas virtudes sublimes. Religiosa sem superstição, humilde sem baixaza, amavel sem perder jámais o sentimento da propria dignidade, era o manto de todos os que a conheciam e a quem inspirava admiração, respeito, amor. Derramava beneficios sem ostentação, era sua suprema ventura fazer o bem e nisto se ia a maior parte de sua dotação, que muitas vezes não bastava, pois nada sabia reservar para si e por sua morte se achou em consideravel deficit, devido ás suas grandes esmolos.»

«A imperatriz, diz outro biographo, conhecia bem quatro linguas: o allemão, o inglez, o francez e o italiano, tendo accrescentado, mais tarde, a esses conhecimentos, o do portuguez, que chegou a falar correntemente. Versejava com elegancia, pintava á aquarella e era eximia pianista. Gostava do esporte, dedicando-se á equitação e ao tiro, tendo acompanhado o marido nos primeiros annos, em todas as caçadas.

A sua paixão principal era, porém, a sciencia. Tinha uma preferencia marcada pelos estudos da mineralogia, botanica e astronomia. Desta ultima, na sua parte descriptiva, deixou entre os contemporaneos lembrança do solido preparo. Era tão absorvente o seu pendor por essas materias, que, logo depois de declarada officialmente noiva do principe portuguez, cuidou de trazer para o Rio de Janeiro uma colleção minerologica e pensou em acclimar aqui algumas plantas europeas».

Mas... (terrivel mas para um temperamento como o de Pedro I) não era bella.

«De um genio amavel, porém destituida de attractivos physicos, escreve Armitage, nunca teve, por isso, a felicidade de ganhar as afeições de D. Pedro».

Dahi o irremediavel infortunio de sua vida, a que ella confidentialmente se referia, poucos mezes antes de morrer, em carta ao seu patricio e grande ami-

go Schaffer: «Aqui, infelizmente, anda tudo transtornado, pois, francamente falando, mulheres infames, como se fossem Pompadour e Maintenon, ainda feias, visto que não têm educação alguma, governam tudo torpemente. E os outros devem ficar calados e procurar apenas o maior isolamento, ficando cada vez mais almejando a independencia e tranquillidade.»

Ha, nessas palavras, o coração de uma esposa que sangra na mais justa das revoltas!

Mezes depois, morre Maria Leopoldina, achando-se ausente do Rio o Imperador.

E as suas ultimas palavras são de ternura para o marido doudivanas, que «só o verdor dos annos e o impeto das paixões, segundo ella dizia, haviam desencaminhado o lar domestico e excitado a commetter acções que ella lhe perdoava, sentindo não vel-o ao seu lado no momento tormentoso de deixar a vida.»

Inconstante, voluvel, de animo irrequieto e aventureiro, D. Pedro, apesar de tudo, não poude, nos primeiros annos de seu casamento, subtrahir-se á influencia da esposa, a qual, como accentúa Oliveira Lima, muito mais instruida que elle, «disputava sobre o animo do marido de um poder de seducção que lhe não era dado exercer sobre o seu temperamento.»

Esse poder de seducção, — que não foi duradouro, — soube applical-o, intelligentemente, Maria Leopoldina, em favor da causa da Independencia do Brasil.

«A sua participação nesses successos, diz ainda o auctor d'«O Movimento da Independencia», só não pôde ser descripta com absoluta fidelidade porque foi tão pouco espectacular quanto a sua vida, toda discreta. Mas a impressão que ficou do tempo, ajudada por alguns testemunhos de confiança, é que dona Leopoldina ajudou de coração a causa nacional.»

Do ardor e entusiasmo com que nesse sentido pelejou são prova bastante algumas das cartas por ella escriptas ao major Schaffer, recrutador de colonos e mercenarios em Hamburgo e commensal de D. Pedro, — cartas publicadas pela Revista do Instituto Historico.

Dona Leopoldina era pela permanencia de D. Pedro no Brasil, e, consequentemente, favoravel á aspiração emancipacionista.

«Elle (D. Pedro) está melhor disposto para os brasileiros do que eu esperava, escrevia ella, mas é necessario que algumas pessoas o influam mais, pois não está tão positivamente decidido quanto eu desejaria.»

A 8 de janeiro, na vespera do Fico, escrevia, de novo, a princeza: «O principe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria». E accrescentava, referindo-se á resolução de formar-se o gabinete do regente com brasileiros e ao plano de agruparem-se as provincias numa união livre: «Muito me tem custado alcançar tudo isto, só aspiraria insufflar uma decisão mais firme». (Oliveira Lima, obra cit. pags. 149-150).

Com a partida do principe para S. Paulo, cou-

be á dona Leopoldina, como regente, presidir á celebre sessão em que ficou resolvida a independência do Brasil.

Reunido o conselho de ministros sob a presidência da Princesa Regente, assentou-se sem discussão, escreve Oliveira Lima, ter chegado a hora precisa e almejada e foi despachado para S. Paulo o correio, Paulo Emilio Bregaro, com a recommendação de José Bonifacio de arrebentar quantos cavalos quizesse para o mais depressa possível alcançar lá o Príncipe, sob pena de perder o logar.

Além dos papeis officiaes de Lisboa, entre os quaes uma carta de Antonio Carlos, de 2 de julho, levava Bregaro uma carta de José Bonifacio e outra de Dona Leopoldina.

Diz Drummond, que assistira tambem ao despacho no Paço de S. Christovam: «A Princesa mandou-me esperar e era para que eu visse a carta particular que Sua Alteza escrevia ao Príncipe. Eu a li e tive occasião de admirar o espirito e a sagacidade da Princesa.»

Essa carta, segundo o mesmo Drummond, agiu poderosamente sobre o espirito de D. Pedro.

Após o grito do Ypiranga, regressa triumphalmente ao Rio, o joven monarcha, trazendo um laço de fita verde no braço esquerdo.

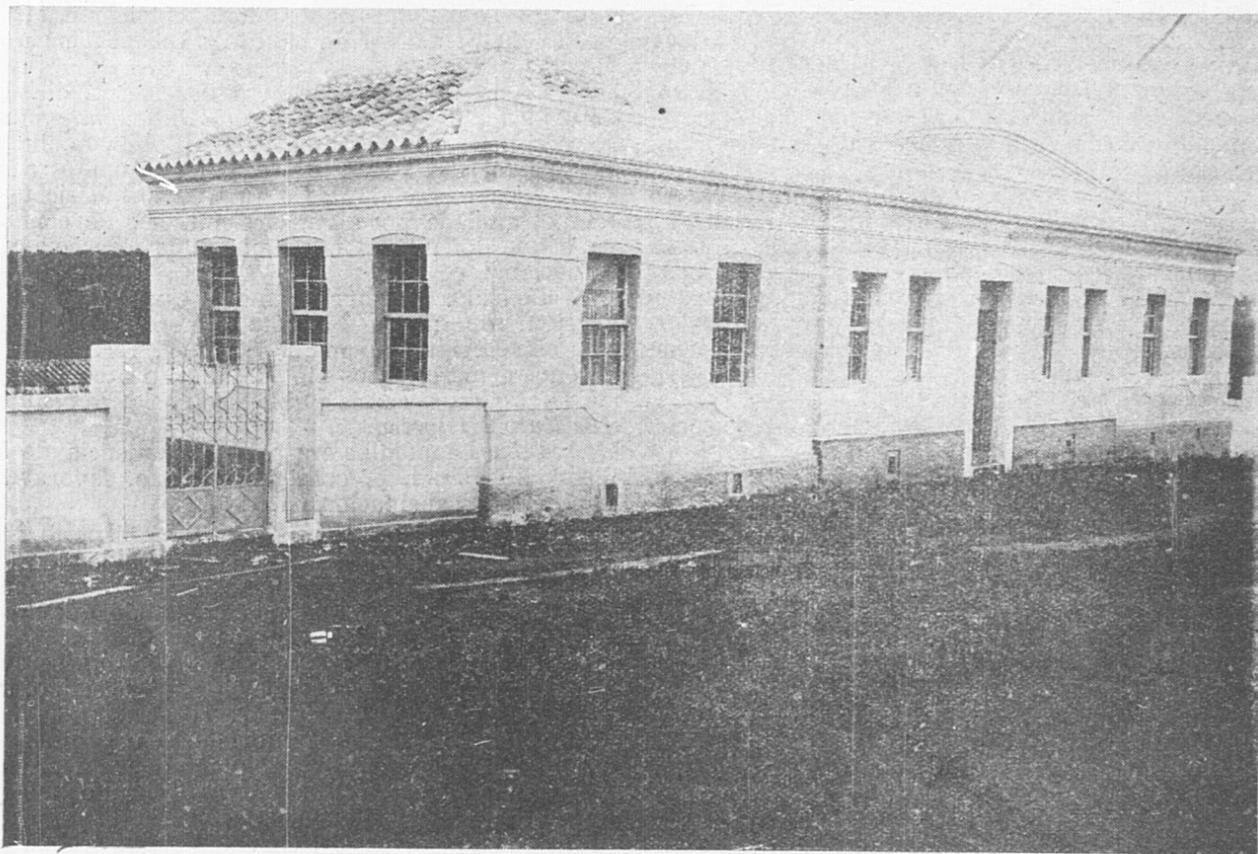
O entusiasmo de Dona Leopoldina é descripto por um contemporaneo, que nol-a mostra, em S. Christovam, lançando mão (porque já tinha desmanchado em laços, para dar, todas as outras fitas verdes que possuía) até das fitas de seus travesseiros para atar com ellas os braços dos patriotas.

Grande e nobre Imperatriz Leopoldina!

Justa reivindicação cívica a que associa o seu nome inolvidavel aos nomes immorredouros dos chefes do grande movimento: os Andradas, Ledo, Caeté, Cunha Barbosa, Frei Sampaio, J. J. da Rocha, José Clemente Pereira, etc.

Doravante, resgatando o longo e immerecido esquecimento em que jazeu a sua memoria, através de tantas e tantas gerações, a gloria serena de dona Maria Leopoldina resplandecerá suavemente sobre as almas da nova geração brasileira.

A homenagem republicana de outro dia, á augusta princesa martyr, teve, assim, o alto valor de dignificante exemplo de tolerancia politica, alliado ao mais sympathico gesto de justiça historica, enaltecendo a memoria de quem, pelo seu carinhoso amor ao Brasil e devotado entusiasmo á causa da nossa emancipação, bem merece o cognome, com que a venera o coração brasileiro, de «Padroeira da Independencia».



Casa de instrução de Capetinga, município de S. Sebastião do Paraíso—Districto a instalar-se em 8 de outubro de 1925

Um modelo para facilitar o trabalho dos professores

COMO SE FAZ UMA LIÇÃO DE LINGUA PATRIA

TERCEIRO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

Classificação de palavras quanto ao sentido, nos limites do estudo realizado nos dois annos anteriores, fazendo-se a recapitulação em sentenças formadas pelos alumnos para indicar as diversas categorias. (Do programma do ensino primario).

Representa a gravura colorida, pregada no quadro negro, um cego ainda joven, que caminha guiado por uma creança e sobraçando um violino.

TERCEIRA LIÇÃO DA SÉRIE E PRIMEIRA RELATIVA AO TERCEIRO ANNO.

Professor — A nossa lição de hoje versará sobre esta gravura. O thema que ella nos offerece é sympathico e tornará mais interessante a recapitulação que vamos fazer.

Vejam: é um ceguinho que passa carregando o seu violino.

Tão moço, tão forte e impossibilitado de trabalhar! Os olhos grandes, immensos, sem expressão e sem vida, estão sempre voltados para o céu, como a implorar a protecção divina. E essa não falta: Deus lhe concede a paz, a resignação, a tranquillidade.

Pede esmolas e em troca do obulo que a caridade publica lhe offerece, elle canta suaves melodias repassadas de tristeza e de saudade. Saudade dos tempos que se foram, quando, feliz ainda, elle podia contemplar o azul do céu, o brilho dos astros, o colorido das flôres.

Um dia, ao sahir da fabrica onde trabalhava despreocupado e feliz, ouviu gritos que vinham das margens do rio que ficava perto. Correu: uma creança que se debruçára sobre o balaustre da ponte, perdera o equilibrio e cahira ao rio. As outras creanças, companheiras da pobrezinha, gritavam apavoradas.

Paulo, o nosso ceguinho, não hesitou. Fatigado do trabalho e alagado em suor como se achava, atirou-se nagua. Salvou o pequenito que estava quasi a afogar-se, mas resfriou-se, adoeceu e perdeu para sempre a luz dos olhos.

Canta e têm tanta magua os versos do seu cantar! (*Escreve os versos no quadro ao lado da gravura.*)

São tristes como a saudade,
As notas do meu cantar!
Implorando a caridade,
Eu canto p'ra não chorar!

Do céu azul, estrellado,
Não posso ver a belleza...
E ha tanta flor pelo prado!
E é tão linda a natureza!

A gemer notas de magua
Vou seguindo pela vida...
Olhos cegos rasos d'agua,
Alma triste e dolorida.

São as notas da saudade
Que o meu violino traduz...
Ver o céu, a immensidade
E depois... ficar sem luz!

P. — Passa o ceguinho, sua voz vae diminuindo aos poucos até morrer ao longe e a gente fica a pensar na immensa desventura dos que não vêm, dos que não podem contemplar as bellezas do universo.

Agora prestem atenção. Vão fazer a leitura dos versos de Paulo. Lerei em primeiro logar para que todos aprendam a expressão e a entonação que devem dar á leitura.

(O professor lê em voz clara e intelligivel, procurando dar á leitura a maxima expressão possível. É necessario evitar o pessimo costume de elevar a voz no fim de cada verso, desde que a pontuação, o sentido, a isso se opponham. Lê-se o verso, como se lê a prosa. É mesmo conveniente ao ensinar a entonação, a expressão, escrever no quadro os versos em fôrma de prosa. É muito desagradavel a impressão causada pela leitura falha e defeituosa).

P. — Sabem vocês o que é um verso? (*Signal affirmativo dos alumnos*). Então venha ao quadro, José, e sublinhe o primeiro verso. (*O alumno vae a sublinhar toda a quadra*). Não, José, não é isso. Você está sublinhando muitos versos e eu pedi apenas o primeiro. Verso é só uma das linhas da poesia. Estes quatro versos (*mostrando no quadro*) formam uma quadra.

Agora leia em voz bem clara a primeira quadra.

(O alumno obedece).

P. — Leia a segunda quadra, Geraldo.

(O alumno lê).

P. — Lysio, leia com bastante expressão as duas ultimas quadras.

(O alumno obedece).

Agora prestem atenção. Vamos formar phrases com os substantivos existentes na primeira quadra.

Pensem e logo que houverem formado as sentenças, ergam o braço direito. (*Signal dos alumnos*).

Vamos, Luiz, diga a sua sentença.

A. — Nas ferias eu tenho muita saudade da escola.

P. — Acertou, Luiz, a palavra saudade é um substantivo. Agora vá ao quadro e sublinhe essa palavra. (*O alumno obedece*)

Lygia, forme uma sentença com essa mesma palavra — saudade.

A.—Quando eu vim do Rio, fiquei com muita saudade de Vóvó.

P.—Você, Eduardo.

A.—Eu tenho muita saudade da fazenda.

P.—Bem. Quero agora sentenças com outro substantivo.

Quem sabe? (*Signal dos alumnos*)

P.—Responda, Laura.

A.—Eu ganhei duas notas de cinco mil reis.

P.—Olhe, Laura; notas é de facto substantivo, mas essa palavra, aqui, significa som musical, toada, melodia. Logo, sua sentença não pôde ser aceita.

Forme outra, falando nas notas do canto do cego, nas notas dos hymnos escolares, etc. Vamos, diga.

A.—As notas do Hymno ao Trabalho são bonitas.

P.—Justamente. Vá ao quadro sublinhar a palavra notas. Continuemos a formar phrases com esse mesmo substantivo. Vamos, Eulina.

A.—Eu não posso cantar este hymno, porque as notas são muito altas.

P.—Você, Raul.

A.—O sabiá canta notas muito bonitas e muito tristes.

P.—Agora com o substantivo caridade. Caridade é a virtude que nos ensina a ser bons, a ter pena, compaixão dos que soffrem. Quem dá esmolas, quem procura melhorar a sorte dos infelizes, pratica a caridade. E' a mais bella e a mais perfeita das virtudes. Vamos, João, forme você a sua sentença.

A.—A caridade é uma virtude muito bonita.

P.—Responda, Celina.

A.—Conheço uma senhora que gosta de praticar a caridade.

P.—Você, Lais.

A.—Quem não dá esmolas não tem caridade.

P.—Carlos.

A.—Mamãe me ensina a ter caridade e a ser amigo dos pobres.

P.—Bem. Alice vá sublinhar a palavra caridade. (*O alumno obedece*)

P.—Ha ainda um substantivo na primeira quadra. Quem saberá dizer qual seja? Então ninguém sabe?

Vejamos. O que faz, você, Pedro, quando quer reconhecer praticamente si uma palavra é substantivo?

A.—Ponho um artigo antes dessa palavra. Si ficar certo, a palavra é substantivo.

P.—Justamente. Si houver concordancia, é quasi certo que a palavra é substantivo. Agora examinem bem o trecho, a quadra que estamos analysando. Não haverá nella uma outra palavra determinada pelo artigo? (*Signal dos alumnos*)

P.—Vamos, Lucia.

A.—E' a palavra cantar.

P.—Acertou Lucia, o substantivo que ninguém encontrava, é esse: cantar, que vem determinado pelo artigo existente na construção do e modificado

pelo... Quem sabe analysara palavra meu? (*Signal dos alumnos*)

Responda Carmen.

A.—E' um adjectivo possessivo.

P.—Muito bem. O substantivo cantar vem determinado pelo artigo o e modificado pelo adjectivo possessivo meu.

Formemos agora sentenças com o substantivo cantar.

(*Signal dos alumnos*)

P.—Responda, Alvaro.

A.—Eu ouvi o cego cantar.

A.—Aquella moça sabe contar muito bem.

P.—Reparem que essas phrases estão erradas.

Eu pedi o substantivo cantar e não o verbo cantar. Vamos, Joaquim, forme uma phrase empregando o substantivo cantar.

A.—O cantar de Paulo é muito triste.

P.—Isso. Cantar nessa phrase é substantivo, porque vem determinado pelo artigo. Antes do substantivo, sempre poderemos collocar o artigo. Nestas phrases: eu ouvi o cego cantar; aquella moça sabe cantar muito bem, é impossivel o emprego do artigo antes da palavra cantar. Ficariam as phrases assim: eu ouvi o cego o cantar; aquella moça sabe o cantar muito bem. Não teriam sentido as sentenças. Por essa razão, vemos que cantar nessas phrases não é substantivo. Indica o que o cego faz, o que a moça faz, logo é um verbo. Diga, Naly, a sua sentença com a palavra cantar.

A.—O cantar das cigarras é muito alegre.

P.—Você, Maria.

A.—Gosto de ouvir o cantar dos passarinhos nas arvores do Parque.

P.—Justamente. Agora quero ver quem se recorda das lições do segundo anno. Que entendem vocês por substantivo? (*Signal dos alumnos*)

Responda, Nicia.

A.—Substantivo é a palavra que dá nome, que nomeia os seres.

P.—Repita a definição, Jorge. (*O alumno obedece*)

P.—Você, Hamleto. (*O alumno repete*)

P.—Estão analysados e empregados em sentenças todos os substantivos da primeira quadra. Vejamos agora os adjectivos.

Quantos adjectivos encontramos na primeira quadra? (*Signal dos alumnos*)

Responda, Lucio.

A.—Ha sómente um: tristes.

P.—Bem. Vá ao quadro e sublinhe o adjectivo tristes, bem como todos os adjectivos existentes na segunda quadra. Dê dois traços para differenciar dos substantivos.

Muito bem, Lucio. Azul, estrellado e linda são adjectivos, porque modificam substantivos. Qual o substantivo modificado pelo adjectivo tristes?

A.—E' o substantivo notas.

P.—E os adjectivos azul e estrellado, que substantivo modificam?

(*Signal dos alumnos*) Responda, Heloisa.

A. Modificam o substantivo céu,

P. Perfeitamente. Qual o substantivo modificado pelo adjectivo linda?

(*Signal dos alumnos*) Diga Sylvio.

A.—E' o substantivo natureza.

P.—Agora vejamos. Quem sabe dizer para que serve o adjectivo?

Estudamos isso no segundo anno. (*Signal dos alumnos*)

P.—Responda Amelia.

A.—Serve para explicar, para modificar o substantivo.

P.—E' assim mesmo. Adjectivo é a palavra modificadora do substantivo. Formemos agora sentenças com todos os adjectivos assignalados. Em primeiro logar com o adjectivo tristes.

P.—Responda João.

A.—Nós ficamos tristes, quando não sabemos a lição.

P.—Você, Antonio.

A.—Papae e mamãe ficaram tristes, porque meu irmão partiu para a guerra.

P. Bem. Agora com o adjectivo azul. Você, Manoel.

A.—Eu gosto muito da côr azul.

P.—Responda, Edith.

A.—Papae me deu um vestido azul.

P.—Com o adjectivo estrellado.

P.—Diga, Lucy.

A.—O céu do Brasil é lindo e estrellado.

P.—Você, Marietta.

A.—Eu gosto de passear de noite, quando o céu está estrellado.

P.—Eu gosto de passear á noite... Assim ficaria mais perfeita a sua phrase. Mas passemos á terceira quadra. Vá ao quadro, Maria, e assignale com dois traços todos os adjectivos existentes na terceira quadra.

P.—Muito bem; cegos, rasos e doloridos. Vamos, agora, falar sobre os pronomes. Ha algum pronome nestes versos?

(*Signal dos alumnos*)

P.—Responda, Mario.

A.—Ha o pronome eu, na primeira quadra.

P.—E não haverá algum pronome occulto?

(*Signal dos alumnos*)

P.—Póde dizer, Francisco;

A.—Ha na phrase—não posso... Vem occulto o pronome eu: eu não posso ver a belleza.

P.—E' isso. Na terceira quadra ha tambem um pronome occulto. Sabem qual seja?

(*Signal dos alumnos*)

Diga, Carlos.

A.—E' tambem o pronome eu; eu vou seguindo pela vida.

P.—Digam-me agora: Para que serve o pronome?

(*Signal dos alumnos*)

P.—Responda, Clara.

A.—Serve para evitar a repetição do nome.

P.—Sim, o pronome, conforme estudamos no



Directoria da Liga da Bondade "Bernardo Guimarães", do Grupo Escolar de Capella Nova

segundo anno, serve para substituir o nome e evitar a sua repetição. Vamos formar phrases, empregando pronomes.

P.—Diga, Eunyce, a phrase que formou.

A.—Eu fui hontem ao cinema.

P.—Antonio, que sentença formou?

A.—Nós gostamos de estudar.

P.—Você, Lourival.

A.—Elles fizeram seus exercicios.

NOTA—O professor antes de terminar a lição, deve exaltar o procedimento generoso de Paulo, sacrificando-se para salvar o pequeno afogado. Provocará os commentarios dos alumnos, levando-os a emitir idéas a respeito.

Falará, tambem, sobre a imprudencia dos folguedos sobre as pontes e ás margens dos rios.

Aproveitará a oportunidade e discorrerá sobre hygiene, conservação da saude, perigo das bebidas e dos banhos frios, após exercicios que provoquem a transpiração, etc.

P.—Bem, aqui terminamos hoje. Na proxima lição, continuaremos a falar sobre substantivos, adjectivos e pronomes, estudando suas varias divisões.

Amanhã devem trazer em seus cadernos de classe e escriptas com muito capricho, doze sentenças: quatro formadas com os substantivos: escola, Brasil, patria e verdade; quatro com os adjectivos: formoso, limpido, affavel e intelligente; quatro, finalmente, com os pronomes: tu, nós, você e elle.

MARIA RITA BURNIER

(Do livro em preparo: *Lições praticas da Lingua Materna*).

NOTA—A lição passada sahiu com alguns erros de orthographia, como vam, dam, etc. que o leitor facilmente corrigirá.

A escola deve ensinar aos alumnos o modo de viver

E É A PROFESSORA QUEM, EM GRANDE PARTE, FAZ DESPERTAR, NA CRIANÇA, HABITOS SADIOS E BONS

MUITAS vezes tudo se ensina, numa escola, aos alumnos. Menos o modo de viver — diz um collaborador da «Normal Instructor and Primary Plans», de Nova York. Descuida-se, por exemplo, da saude, numa sala de aula. Mas o fim da educação é preparar o homem para as duras emergencias da vida, e elle não vencerá sem que toda a sua figura respire vigor e enthusiasmo.

«Não desejaria que nenhuma professora se offendesse com minhas palavras. Ninguem que conhece minha opinião a respeito da profissão de ensinar, pôde offender-se com o que eu disser a respeito della.

Porque digo isto? Porque acredito firmemente que ninguem como a professora exerce tanta influencia em determinar qual será o character e o espirito do cidadão, assim como sua attitude geral perante a vida.

A respeito da saude, a professora é quasi tão responsavel pelo desenvolvimento de habitos hygienicos quanto o medico.

Em toda epidemia a maior influencia para debellar o mal, é a da professora.

Sem descontar a responsabilidade e o trabalho dos paes e as instrucções dadas pelo medico da familia, ainda assim fica provado que a professora é quem fixa, em grande parte, os habitos sadios da criança.

Admitto que todo estabelecimento de ensino normal avalia a importancia do conhecimento completo da professora quanto aos principios funda-

mentaes da hygiene. Presumo que se ensinem as regras da alimentação. Penso que deve ser assim, porém si a professora de instrução mediana tivisse tantos conhecimentos a respeito de alimentação como qualquer outra pessoa, eu lamentaria a criança que ficasse sob seus cuidados. Muita gente sabe tudo no mundo, menos o modo de preparar uma refeição. Toda criança devia saber a razão por que certos alimentos são bons e outros ruins. Acredito que toda professora sabe porque motivo se deve respirar bem. O alimento não será aproveitado si não for oxydado no organismo.

Não pôde ser oxydado sem abundancia do ar fresco recebido em pulmões bem desenvolvidos. Sempre que vejo uma criança de thorax opprimido, magra, pallida, cheia de ossos, evidentemente mal nutrida, desejo tomal-a pela mão e ensinar-lhe a respirar convenientemente. Devo dizer, de passagem, que penso a mesma cousa das professoras que são mal nutridas por não respirarem bem.

Segundo o meu modo de pensar, toda escola devia ensinar estas cousas simples. Devia se dizer ás crianças, repetidas vezes, que ar fresco, luz do sol, quartos bem ventilados, bastante somno, evitação de fadiga demasiada e alimentos simples fazem boa saude e vida longa. Multipliquemos o valor da educação, dando-a a crianças tão fortes e vigorosas que a mesma lhes seja util durante cem annos de vida.»

(Traduzido da revista americana «Normal Instructor and Primary Plans».)

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

O LOGAR DO SEU NASCIMENTO.—SUA VIDA, SEU PAPEL NA INCONFIDENCIA MINEIRA

Por LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

NA opinião abalizada de Ramiz Galvão, o berço de Claudio Manoel da Costa não foi a cidade de Marianna, antiga Villa do Carmo, conforme acreditam quasi todos os que escreveram sobre o poeta inconfidente. Nem mesmo se pôde dizer, com o Conego Fernandes Pinheiro, que o Dr. Claudio nasceu nas margens do Ribeirão do Carmo.

Contrariamente ao que affirmam Joaquim Norberto, Pereira da Silva e muitos, diz o citado e exímio cultor da nossa Historia que o Dr. Claudio nasceu no Sitio da Vargem do Itacolomy, freguezia de Marianna, a uns 12 kilometros desta, no dia 6 de Junho de 1792. (*)

Nas «Ephemerides Mineiras» e na «Revista do Archivo Publico Mineiro» (**), contesta Xavier da Veiga a opinião de Ramiz Galvão, sem aliás chegar a um resultado peremptorio, dizendo que o berço de Claudio pode ter sido Marianna e mesmo Villa Rica. Dous são os documentos em que se baseia o distincto mineiro, para combater a citada opinião — a certidão de idade e um requerimento em que o Dr. Claudio promoveu a sua habilitação ao estado ecclesiastico, intento de que desistiu. Na certidão se diz, na «Capella de Nossa Senhora da Conceição, do Sitio da Vargem do Itacolomy desta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição matriz da Villa do Carmo», no dia 29 de Junho de 1792, foi baptizado Claudio.

(*) *Gazeta de Noticias* de 4 de Abril de 1894 e *Revista Brasileira* de 15 de Abril de 1895.

(**) Anno 1, 1896, pg. 375.

A certidão não diz onde nem quando nasceu Claudio, sabendo-se entretanto, que o nascimento se verificou a 6 de Junho de 1792.

No referido requerimento, vem: Diz Claudio Manoel da Costa filho legitimo de João Gonçalves da Costa e de Thereza Ribeyra de Alvarenga da Vargem do Itacolomy, freguezia da Sé de Marianna e do mesmo Bispado.»

Ora, diz Xavier da Veiga, «não ha nenhuma virgulação em todo esse periodo, e nada se diz ali expressamente sobre natalidade, parecendo antes se indica a Varzea do Itacolomy como o logar da residencia dos paes de Claudio, ou talvez do seu baptismo. Effectivamente esteahi se effectuou.»

Além disso, diz o mesmo auctor das «Ephemerides Mineiras», no prologo das suas obras poeticas escreveu Claudio...

«Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre, e dava o nome á cidade de Mariana minha patria, quando era Villa;» e entretanto, nos ultimos versos do seu poema — «Villa Rica», diz que esta Villa é o seu berço, sendo até mesmo muito mais preciso na dedicatória desse poema ao segundo Conde

de Bobadella, dizendo: «Villa Rica, patria minha».

Não nos parece que fique insolúvel o problema. Com effeito, si o poeta, nos seus versos, nos deixou indecisos relativamente á localidade que o viu nascer, devemos procurar alhures a chave da questão. E para isso servem, á saciedade, os dous mencionados documentos, trazendo-nos a mesma convicção de Ramiz Galvão.

SONETO

*Sonho em torrentes d'agua, o que abrasado
Na sede ardente está, sonha em riqueza
Aquelle, que no horror de uma pobreza
Anda sempre infeliz, sempre vexado.*

*Assim, na agitação do meu cuidado
De um continuo delirio esta alma presa
Quando é tudo vigor, tudo asperesa,
Me finjo no prazer de um doce estado.*

*Ao despertar a louca fantasia
Do enfermo, do mendigo, se descobre
Do torpe engano seu a imagem fria:*

*Que importa, pois, que a idéa alturas cobre,
Si apesar desta ingrata aleivosia,
Quanto mais rico estou, estou mais pobre.*

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

De facto, si os paes de Claudio Manoel da Costa moravam no Sitio da Vargem do Itacolomy e si Claudio, nascido a 6 de Junho de 1792, ali foi baptisado a 29 do mesmo mez, parece-nos fóra de duvida que o seu nascimento alli mesmo se verificou.

Desde que, portanto, não ha elemento algum em contrario, não se pode recusar tenha Claudio Manoel nascido naquella Sitio.

E' certo que, no seu interrogatorio, declarou Claudio ter nascido em Marianna. Isso, porém, não invalida a nossa conclusão, pois era natural que elle se referisse á sede da freguezia e não a um sitio.

Claudio Manoel da Costa iniciou os seus estudos em Marianna, continuando-os no Collegio dos Jesuitas, no Rio, onde fez grandes progressos em latim, grego, philosophia, theologia, rhetorica e mathematica. Pensou um momento em seguir o sacerdocio; desistindo, foi matricular-se em Coimbra, aos 20 annos, ali se formando em canones, a 19 de Abril de 1753.

Viajou depois pela Italia, voltando ao Brasil. Não é bem conhecida a epoca em que o Dr. Claudio voltou ao Brasil.

Acreditava-se que esse facto se déra em 1765.

Entretanto, Ramiz Galvão mostrou que o Dr. Claudio já exercia a advocacia em Marianna, em 1761; e Xavier da Veiga falla em documentos provando que, em 1758, já o poeta residia em Villa Rica. (**)

Desde a sua estada na Europa, vinha o Dr. Claudio conquistando brilhante nome. Era um homem de grande talento, de esmerada cultura e vasta erudição. Juris-consulto e philologo, poeta e historiador, era dado tambem assumptos economicos, tendo sido o primeiro no Brasil a cogitar desses estudos, pela leitura da obra notavel de Adam Smith: *Riqueza das nações*, que traduziu e commentou. Esse manuscripto foi sequestrado, e perdeu-se.

Innumeras são as obras litterarias do Claudio Manoel, assim: *Minuscolo metrico* (Coimbra, 1751), *Labyrintho do amor*, (Coimbra, 1753), *Numeros harmonicos* (Coimbra, 1753), *Epicedio*, (Coimbra, 1753), *Villa Rica*, (1768), poema que só foi publicado em 1841.

Ao Dr. Claudio são geralmente attribuidas as «Cartas Chilenas». O Dr. Teixeira de Mello sustenta a auctoridade de Alvarenga. O Dr. Francisco Luiz da Veiga, que fez sobre esse poema um estudo, conclue pela affirmação de que é Gonzaga o seu auctor. Pereira da Silva admitte a collaboração dos tres poetas na composição desse poema satyrico, de tão grande valor litterario e historico.

Nas «Cartas Chilenas», que só em 1862 foram publicadas, o poeta Critillo ridiculariza as façanhas de Fanfarrão Minezio, governador do Chile, que mal occultava a figura do Governador D. Luiz da Cunha Menezes.

O Dr. Claudio era um conhecedor eximio do latim, grego e italiano. As suas produções litterarias o tinham feito admittir na Academia dos Arcades de Roma, sob o appellido de *Glauceste Saturnio*. Tinha, diz J. Norberto, a melhor bibliotheca particular, que se conhecia no Vice-Reino, com 338 volumes e 2 manuscriptos.

Em 1762, foi o Dr. Claudio nomeado secretario do Governador da Capitania, Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, cargo que continuou a exercer no Governo de D. Luiz Diogo.

Desse cargo se retirou Claudio Manoel em 1765, para a elle voltar em 1769, a convite do Conde de Valladares, deixando-o definitivamente em 1773. (*)

Manteve, entretanto, as melhores relações com os Governadores seguintes — D. Antonio de Noronha e D. Rodrigo José de Menezes, delles recebendo muitas provas de consideração.

Sobre o valor litterario das produções de Claudio Manoel, são unanimes em se pronunciar encomiastamente diversos criticos e litteratos de incontestavel merecimento, como Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto, Pereira da Silva, Joaquim Manoel de Macedo, Varnhagen, Teixeira de Mello, Silvio Romero e outros.

Ferdinand Denis diz que Claudio Manoel foi «um dos maiores escriptores que tenham existido no Brazil;» (**) e Almeida Garrett é de opinião que nelle deve «o Brasil contar o seu primeiro poeta, e Portugal um dos melhores. (***)

Era o Dr. Claudio entrado em 60 annos, na na epoca da conjuração.

Tinha duas filhas naturaes — Francisca, com 30 annos, casada com Manoel José da Silva, a qual deu o poeta o Sitio da Vargem do Itacolomy, com 3 ou 4 escravos; e Maria, com 11 annos, que morava em companhia de sua mãe, Francisca Cardoso. Tinha irmãos, com os quaes muito se dava. Era elle incontestavelmente a primeira cabeça da Capitania.

Sobre o seu papel na Inconfidencia diverge mas opiniões. Xavier da Veiga pensa que esse papel não está bem definido. (*)

O Conego Januario da Cunha Barbosa acredita que Claudio Manoel foi mettido na Conjuração pela intriga de pessoas a quem ferira com as suas satyras. J. Norberto afiança que elle era um dos tres chefes da conjuração.

(Continúa)

(*) Pereira da Silva (Varões illustres) colloca esse secretariado nos governos de D. Rodrigo de Menezes e D. Luiz da Cunha, do Fanfarrão Minezio.

(**) Resumé de l'Histoire littéraire du Portugal et du Brésil.

(***) Bosquejo da Historia da poesia portugueza.

(*) Claudio Manoel da Costa — Estudo por J. A. Teixeira de Mello, An. da Bibliotheca Nacional, Vol. 1, Outubro, 1876, pag. 373 a 387.

(**) Revista do Archivo Publico. Mineiro, Anno 1, 1896, pag. 373, etc.

Impressões sobre methodos de ensinar

No methodo Decroly a escola é mais um laboratorio da vida do que uma sala de conferencias.

A criança, vivendo e agindo, aprende a agir e viver

MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA

A senhora Maria Luiza de Almeida Cunha, esposa do sr. dr. Roberto Cunha, professor da Faculdade de Medicina, tem na sua casa, florescendo e brilhando, um gabinete de estudos. Ex-professora, tendo exercido o magisterio com desvelado carinho e alta intelligencia, a senhora Roberto Cunha, depois que do ensino se afastou, continúa a attender ás nobres inclinações do seu bello espirito, nas horas de lazer que lhe deixam os encargos do lar.

Acompanhando com enthusiasmo o surto crescente da instrucção em nossa terra e conhecendo amplamente o assumpto, escreveu para a «Revista» as impressões que hoje publicamos e nas quaes, em seguida a uma leve nota historica dos diversos methodos de ensino, aprecia e enaltece o valor do systema Decroly, triumphante na Suissa.

A preocupação de orientar o ensino segundo um methodo capaz de attender ás necessidades de todos os meios e de todas as intelligencias submettidas aos primeiros estudos é, certamente, tão antiga quanto a propria existencia do ensino.

Dentre os methodos applicados no ultimo meio seculo não é difficil lembrar as tentativas que tem occupado logar saliente na pedagogia. Da ligeira comparação em que rapidamente me deterei, é facil inferir a tendencia hodierna para os methodos que se baseiam na experimentação.

Talvez não seja de todo perdido o meu tempo examinando, com os leitores da REVISTA, a marcha que alguns de taes methodos imprimem aos estudos primarios. A tarefa que me proponho é muito mais simples e leve do que á primeira vista talvez se afigure ao leitor.

O mais antigo dentre todos é provavelmente o chamado methodo de *Ensino mutuo*. Segundo referencias de Quintiliano (1.º seculo da nossa era) existia já entre os romanos de seu tempo.

Pelos fins do seculo XVIII surge com João Henrique Pestalozzi, de Zurich, o methodo que tem o seu nome. Baseia-se elle no desenvolvimento pro-

gressivo das faculdades humanas: exercitar o golpe de vista, a mão, a voz, depois a intelligencia; tal lhe parecera a marcha indicada pela natureza.

Froebel adoptou e desenvolveu estas idéas fundando o primeiro *Kindergarten*.

Lancaster, de Nova York, restabeleceu o ensino mutuo lançando as bases do chamado *ensino misto*, ainda em voga nos primeiros annos da presente geração.

Quem acompanha com interesse esse movimento progressista dos methodos educativos, não pode conter o enthusiasmo deante das grandes conquistas que, na encantadora Suissa, vem realizando o methodo Decroly.

Ha 18 annos já, o methodo d'este eminente psycho-pedagogo vem fructificando de maneira quasi inacreditavel. Medico pela Universidade de Gand, hauriu, como Maria Montessori, suas primeiras inspirações ao contacto das crianças de um instituto de anormaes.

Como medico, educador e psychologo, suas conclusões teem um valor todo especial pois que se fundam, a um tempo, sobre o conhecimento perfeito da criança e uma longa pratica educativa.

Suas idéas synthetizam todo o esforço que tem envidado os psychologos modernos para que a educação não seja o martyrio da criança, cogitando-lhe a actividade natural. E' nessa espontaneidade bem orientada que se firma o segredo do interesse da educação para a criança.

A Vida é movimento; é preciso portanto coordenar todas as manifestações de actividade, ao invés de reprimi-las numa rigidez inflexivel, como outr'ora.

O systema Montessori, já muito superior ao de Froebel (que exige um auxilio activo da professora e não dá iniciativa á criança) resvala pelo inconveniente de ser praticado automaticamente e de ser muito artificial. Gira todo o systema em torno de um material invariavel que é applicado dogmaticamente.

Sob a inspiração directa da educação de anormaes, que precisam de estimulo continuado para agir, justamente porque lhes faltam os impulsos naturaes do espirito, o systema Montessori esquece que a criança normal se desenvolve por si. A tarefa da professora é então muito mais suave: basta collocar a criança num ambiente proprio para sa-

tisfazer sua curiosidade, seus interesses; num ambiente, enfim, que por si suggira problemas de acção ou reflexão ás pequeninas intelligencias.

Em summa, enquanto o systema Montessori «estimula a vida» por meios artificiaes, orientando-se como Séguin, ao deixar isolados os diversos ramos do ensino, Decroly toma como ponto de partida os exercicios de observação associados ao vocabulario e á comparação, unifica todos os ramos do ensino em torno de um «centro de interesse», inclusive a leitura.

Preoccupa-se de que o material seja colhido da propria natureza.

Serve-se de jogos como meio de repetição e actividade espontanea, induzindo, estes, a criança a observar, comparar, reflectir, inventar.

O methodo Montessori visa principalmente exercitar a criança no manejo dos instrumentos da intelligencia (linguagem, calculo, escripta, leitura); o methodo Decroly preoccupa-se em manejar esses meios *ao serviço* da intelligencia, favorecendo a actividade d'esta. Sendo o desenvolvimento da criança um processo espontaneo segue uma trajectoria demarcada pela propria natureza.

Consiste então a habilidade do educador em observar essa evolução, sem contrafaz-la, multiplicando em torno da criança, tanto quanto possivel, as occasões de aguçer esse desenvolvimento natural. Por isso Decroly preconiza, como já o fizeram outros espiritos adeantados, que as escolas sejam mais laboratorios do que méras salas de conferencias. Approximando a escola da vida, quer que a criança aprenda a agir, agindo.

São encantadores os resultados obtidos na «Maison des Petits», que o Instituto J. J. Rousseau inaugurou em 1914, baseada nesses principios.

Entretanto, a par do interesse que o methodo Decroly desperta na criança, ha uma vantagem que a todas sobreleva.

Estimula na professora um desejo intenso de se instruir, de alargar seus horizontes intellectuaes afim de bem guiar os pequeninos que lhe são confiados. E' a professora Amélie Hamade, collaboradora de Decroly, quem no-lo revela depois de contar os embates para a applicação do methodo em diversas escolas de Bruxellas.

Surge então para a professora uma attitude cheia de attractivos.

Quantas das nossas professoras, na tarefa difficil de levar a cabo programmas pesados em classes numerosas, não perdem de vista a belleza da sua profissão, obrigadas a lançar mão de notas, provas, etc., para que os alumnos deem conta do trabalho?

Talvez digam muitas, desanimadas: a aptidão para educar bem é innata, não conseguirei adquiril-a.

Sem negar que haja verdadeiras vocações para educadoras, devo dizer que interessantes indagações para estatística d'esses predestinados tem obtido resultados irrisorios (1% approximadente!).

São portanto pouquissimos os que se dedicam ao professorado *por vocação*! Se unicamente o dom valesse, que seria das escolas?

Acham muitos que basta o bom senso para ser bom professor. Mas nem sempre coincide todos os bons sentidos! Se a uns parece que o ensino da Historia deve ser feito segundo a ordem chronologica, outros aconselham o methodo regressivo. Uns preconizam a coeducação dos sexos, outros condemnam.

Assim ficaria uma infinidade de problemas pedagogicos sem solução porque o bom senso sózinho não consegue demonstrar cabalmente suas asserções.

E a pratica individual não será sufficiente para a formação do educador? Dentre os varios inconvenientes da formação puramente pratica o peor é a rotina. Rotina dos actos, motivada pela preocupação de manter a classe. Rotina, sobretudo, na visão dos factos.

A' força de agir sempre do mesmo modo, o espirito não sente mais necessidade de observar nem analysar o que ocorre no ambiente: automatiza-se!

Pesquisar, admirar-se, perceber um problema onde o puramente pratico nada vê, eis a grande vantagem do psychologo que penetra no dominio da educação.

Si o bom senso, o dom, a pratica não bastam ao educador para resolver os problemas com que tópa, que directriz então seguir?

A experimentação, no sentido scientifico da palavra.

Na phase nova da pedagogia que ora surge, a observação e a experimentação constituem os alicerces de grande edificio!

Uma experiencia não implica necessariamente processos extraordinarios. O proprio trabalho escolar póde na maioria das vezes ser o «material de experiencia» se fôr objecto de comparações systematicas. Póde-se fazer muito sem perturbar programmas e classes!

Assim, considerando a *mentalidade da criança* sobre a qual se exercerá inevitavelmente a da professora e d'outra parte a *consequencia* d'essa acção, que extraordinario interesse não se levantará na alma da educadora!

A's professoras de ensino primario, compete depois das Mães, a mais alta responsabilidade na formação quer do caracter quer da mentalidade dos jovens!

São indeleveis na alma infantil as impressões calcadas por esses dois factores pois que nos demais cursos não é tão intimo o contacto de professores a alumnos.

Toda a elevação, toda a belleza d'esse objectivo Decroly inculca nos seus collaboradores.

Persuadido d'esse ideal, a professora verá atravez do livro, do horario, do programma, mais nitidamente, as pequeninas individualidades que lhe são confiadas. Estudando a psychologia infantil attenderá com mais interesse os problemas que lhe são attinentes!

Porque não estreitar a solidariedade entre nossos professores de modo a se communicarem o resultado de suas experiencias?

Vive geralmente cada professora isolada e recomeça sózinha a vida profissional sem tirar proveito dos successos ou insuccessos das collegas.

Quantas vezes ao mudar de escola a criança encontra uma orientação quasi diametralmente opposta?

Não seria util organizar uma cooperação constante nesse sentido pelo menos entre os professores de cada districto?

Não seria este o primeiro elo na cadeia de unificação do nosso ensino, afim de lhe darmos a feição que exigem o caracter nacional e as nossas circunstancias de vida, evitando os grandes perigos da infiltração estrangeira?

Trazendo ao conhecimento do nosso meio os resultados do methodo Decroly viso unicamente apontar, para nosso incentivo, o valor da pedagogia, norteada pelo conhecimento da criança, afim de lhe facilitar o desenvolvimento em meio adequado.

Que grande felicidade seria, para meu coração de brasileira, si estas tão modestas considerações despertassem o desejo de trabalharmos em fileira cerrada para obtenção de um ideal em que se baseia toda a solidez, toda a grandeza futura de nossa Terra!

Bello Horizonte, dezembro, 1925

O segredo de ser bom professor

Vista o professor sempre de novo as suas prelecções, dando-lhes roupagens vistosas e fulgores imprevistos

Por AYMORÉ DUTRA

O bom professor é aquelle que sempre póde dar uma boa aula.

E uma boa aula, uma explanação que aproveite plenamente aos alumnos, não é coisa tão facil como parece.

Mesmo sobre a disciplina mais familiar, sobre a materia mais conhecida e sobre os pontos mais vulgares desta materia, ha, frequentemente, alguma coisa de novo que o bom docente descobre e que aproveita para despertar o interesse e fixar a attenção da classe.

Mormente hoje, que as aulas são praticas e os meios quasi sempre materiaes para se illustrarem as demonstrações.

Fugir á rotina, evitar a insipidez estafante dos mesmos processos, crear coisas novas para fazer com que o alumno tenha gosto e curiosidade pelo que ouve ou vê é, sem duvida, uma particularidade importantissima na difficil arte de ensinar.

Entretanto, tudo isso póde-se fazer.

O professor deve ser um artista, deve possuir o dom inventivo, deve, enfim, valer-se, ás vezes, da imaginação para dar fórmulas novas ás mesmas idéas e revesti-las com roupagens rutilantes, attractivas, que captivem, logo, o espirito das crianças, tão affeito ás maravilhas e ás surpresas.

O docente que lecciona com a preocupação absorvente de ouvir o toque para o descanso, e que

conta as syllabas das palavras que diz como quem conta os segundos, afflicto que passem aquellas horas que elle considera de supplicio em vez de considerar como de prazer, é, positivamente, um pessimo e perigoso elemento num estabelecimento de ensino.

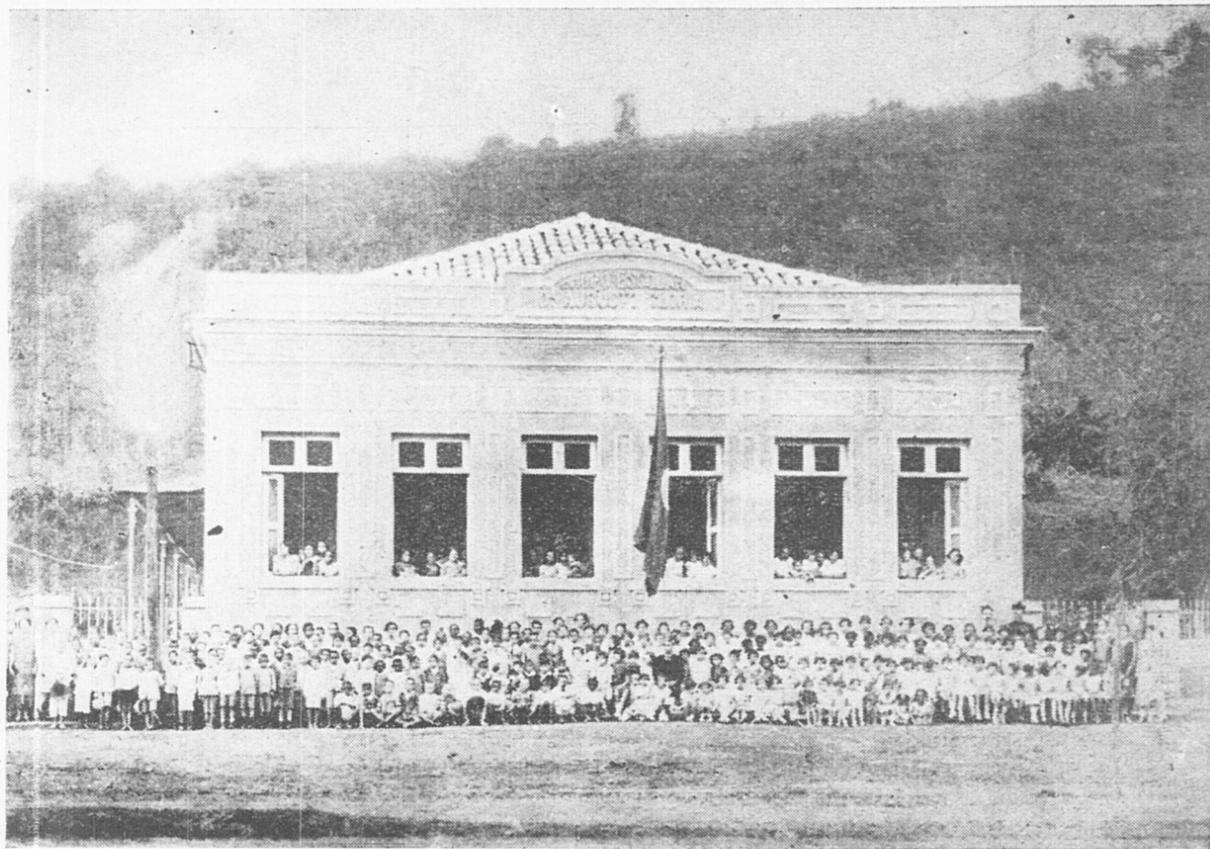
As crianças, geralmente, encaram com certa hostilidade a idéa da escola.

Para ellas, isso é, d'alguma fórma, uma violencia que lhes rouba a natural liberdade e o indiscutivel direito de apedrejarem as lagartixas, bodequearem os passarinhos e colherem as fructas dos pomares que não ajudaram a plantar, porque toda criança é um pequeno Attila, sedento de liberdade e de destruição.

Ora, chega um menino á classe e, em vez de ouvir coisas que lhe interessem, que lhe despertem attenção e que tenham a fascinação da novidade, encontra a pesada monotonia das mesmas palavras e a revoltante insulsice das mesmas idéas.

Então, si é intelligente e vivo, faz traquinadas, e si é bronco, faz peor ainda, porque dorme a bom dormir.

Dorme de olhos abertos, como os crocodilos ou como os catalepticos, pois embora aparentemente acordadas, as suas faculdades intellectuaes estão resonando a somno solto.



Grupo Escolar «Dr. Augusto Gloria», districto de Rochedo, E. F. Leopoldina.

E, em lugar de aprender qualquer coisa que sirva, aprende, com aquelle exercicio de sempre, a eliminar as percepções mentaes e a praticar para idiota.

Quando entramos em uma sala com uma peça qualquer do vestuario alterada, quem primeiro o descobre são as crianças.

Quantas vezes uma criança nos não interpella com a sua viva curiosidade:

— Onde o senhor arranhou hoje essas botinas? Ou ainda:

— O senhor hoje cortou o cabelo e fez a barba, hein?... Ficou mais bonito e mais novo...

Essa curiosidade, que se manifesta logo por uma critica muito sincera ou muito ironica, é uma porta aberta para a aprendizagem.

Saiba o professor encaminhar para ella as suas lições e o resultado será prompto e solido.

Si o professor se apresentar todos os dias com uma novidade no vestuario, essa novidade não passará despercebida á classe.

Ora, o mesmo se dá com as aulas.

Vista sempre de novo as suas prelecções, dando-lhes roupagens vistosas, encantos desconhecidos, seducções imprevistas, fulgores inesperados — e a classe ficará interessada, seduzida, fascinada, e a

lição será proveitosa, porque será ouvida com toda a attenção.

Eu tenho assistido a prelecções dadas por certos professores, sobre coisas vulgarissimas, que me têm prendido o espirito deleitosamente e entretido a attenção de um modo maravilhoso.

E, ao fim dessas prelecções, tenho aprendido coisas que eu ignorava completamente e que julgava impossivel occultarem-se na insignificancia de um ponto de ensino primario.

Certa vez, fiquei sabendo como se faz, prática e exactamente, sem o auxilio do metro, a cubagem de madeira ou como se acha o volume de qualquer solido, como se encontra a área dos polygonos e até dos circulos e como se precisa a densidade dos corpos, sem complicações de calculo.

Em outra occasião, voltando eu a assistir ás mesmas aulas, aprendi tambem umas novidades sobre o methodo de redução á unidade e fiquei sabendo que para toda e qualquer operação sobre esse ponto ha um dado fixo, quer se trate de uma peça de fazenda ou de uma arroba de carne, ou de uma garrafa de vinho ou de tudo isso conjuntamente, porque theoreticamente não ha, em mathematica, quantidades heterogeneas.

Sobre cosmographia, nessa mesma occasião, tive uma surpresa que muito me humilhou, porque feriu minha vaidade e susceptibilizou meu pedantismo.

Até então, eu só conhecia tres movimentos da terra e já pensava que tinha a erudição de um Galileu.

E tive que abdicar do meu orgulho porque um pirralho enfezadinho, e, por mal dos meus peccados, preto como um melro, appareceu-me, no fundo daquella classe, a discorrer sobre doze movimentos do nosso globo!

A professora, entretanto, era uma criatura delicada e franzina, sobre a qual podia-se applicar judiciosamente a definição que o nosso Machado de Assis arranhou para certo projecto de mulher.

Estava, como a entidade imaginada pelo poeta,

*«Naquella idade inquieta e duvidosa
Que não é dia claro nem é alvorecer:
— Entre-fechado botão, entre-aberta rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.»*

Mas, apesar disso, era uma verdadeira preceptora, modelo completo de educadora, exemplo peregrino de precocidade artistica, pois sabia procurar, mesmo no pequeno circulo do nosso programma de ensino, um vasto mundo de maravilhas ineditas, egual ao que o microscopio descobre numa gota d'agua.

Perguntei-lhe como conseguia ella aquelles prodigios de aproveitamento para a classe e ella respondeu-me naturalmente:

— Nunca se deu o facto de entrar eu nesta sala, para leccionar, sem ter estudado conscienciosamente todos os pontos do dia. Meu diario de classe é sempre o resumo de tres ou quatro horas de indagações e de exercicios, de observações pessoas e de

selecção de tratados. Gosto muito disso e quero sempre ter a certeza de que sei as lições melhor do que os alumnos.

O exemplo é digno de ser imitado.

Pelo menos eu o tenho seguido com muito proveito para mim e para as classes que tenho leccionado.

Ha, porém, professores incapazes para despertar o entusiasmo dos alumnos.

Leccionam em bocejos tão longos e tão escandalosos que quasi se lhes podem enxergar as visceras pela bocca escancarada... Leccionam com o relógio sobre a mesa, fazendo justamente o que se chama — empurrar o tempo.

Ora, isso é um crime.

E' um crime de lesa-sociedade, porque as crianças perdem o tempo e o estimulo, os paes perdem a confiança e o entusiasmo e o governo perde o melhor, que é o dinheiro do povo.

E' preciso, como muito bem diz Faguet, que se tenha amor á profissão, seja ella qual for.

Qualquer meio honesto de vida é digno de entusiasmo e de amor.

E' preciso que todos os professores comprehendam que têm um ministerio elevadissimo, um sacerdocio sublime, tão respeitavel e tão sacrosanto como uma embaixada messianica.

Devem enthesourar, no intimo da alma, os cabedaes incorruptiveis com que atravessar o mundo.

Tudo que soffrerem, sofram-no em nome do seu ideal, porque nenhuma fortuna da terra póde dar o bem-estar resultante da certeza do dever cumprido. E, para o professor, cumprir bem o dever é leccionar bem.

O professor que julgar que isso é impraticavel deve ter hombridade bastante para fazer, em tempo, sua retirada de um campo onde sua presença só póde ser um estorvo ou uma vergonha.

Para que uma professora realize, com exito, o seu trabalho

O QUE DIZ UMA REVISTA AMERICANA

SÃO da revista americana «Popular Educator» as linhas que se seguem:

A SAÚDE E A PROFESSORA

Nenhum predicado é tão valioso para a professora como a saúde.

Talento, habilidade, ponderação, a facultade de obter e conservar a amizade das crianças, todas essas qualidades não a levarão longe si não tiver boa saúde.

Eis uma professora que já passou a primeira mocidade:—tem os pés firmemente collocados na escada do successo, a cabeça erguida, olhando para o futuro prospero e feliz que, certamente, será o della.

E' um exemplo de saúde resistente. Compare-vos com ella e vê le se podeis competir com a mesma physicamente. Sómente então vossas probabilidades de successo igualarão ás della. Seu cabelo é abundante e lustroso. Os dentes fortes, brilham quando sorri. A pelle é macia e fina. As

faces são coradas pela boa alimentação, somno abundante, ar fresco, exercícios e pensamentos elevados. Tem os musculos firmes e resistentes e seu aspecto é excelente. As unhas são rosadas denotando boa saúde. Sua disposição é magnífica. Sua energia? Transborda de entusiasmo. Não tem excesso de gordura para diminuir-lhe o andar ou fatigar-lhe o cerebro. Si ella não fosse um individuo bem alimentado, não poderia ser este embrião de genio do mundo docente.

Admitte-se, geralmente, hoje em dia, que a escolha de alimentos deve ser ensinada desde o jardim da infancia.

Não é difficil conseguir-se este fim.

A tarefa mais penosa é educar as mães, os paes, as avós e as tias de modo que a pratica de casa acompanhe os ensinamentos da escola.

Ha seis annos, a Cruz Vermelha Americana organizou um serviço de nutrição. Este anno tal serviço progrediu tanto, que 138.065 crianças e 20.359 mães receberam lições sobre alimentação adequada.

Acima de tudo, a professora deve saber, para comparar-se favoravelmente com o typo escolhido para assumpto deste artigo, que uma dieta conveniente include todas estas cousas: agua, leite, fructas, alguma cousa crúa, batata, mais dois outros vegetaes, um dos quaes é folha verde, carne ou ovos ou queijo. Deve saber estas cousas e ensinal-as a seus alumnos.

A linguagem da alimentação deve tornar-se uma parte activa do vocabulario de toda professora.

COMO SE FAZ UMA LIÇÃO DE ARITHMETICA

VITALIA CAMPOS

PRIMEIRO ANNO

PRIMEIRO SEMESTRE

IDÉA DOS VALORES UM, DOIS, ETC., ATÉ NOVE

A professora apresentará á classe a tab. a de Parker (pag. 5) e fará perguntas sobre os quadros A, D, B, E e C, de maneira a despertar a attenção e o interesse de todos os seus alumnos. Para isto, ella aproveitará todos os elementos que se lh' apresentarem na occasião, para o ensino simultaneo das duas disciplinas: Arithmetica e Geometria, além de outras.

Apontando para o quadro A:

Professora—Que é que vocês vêm neste quadro?

Alumno—Uma bola.

P.—Diga: Vejo uma bola.

A.—Vejo uma bola.

P.—De que cor é a bola, José?

A.—E' preta.

P.—Diga isto mesmo, mas empregando, repetindo a palavra bola.

A.—A bo'a é preta.

P.—Muito bem. A bola está dentro ou fóra do quadro? Diga você, Antonio.

A.—Tá dentro.

P.—Tá dentro, não se diz. Diga: A bola está dentro do quadro.

A.—A bola está dentro do quadro.

A professora deve exigir sempre as respostas em sentenças completas e nunca perder opportuni-

dade para ensinar e desenvolver a linguagem correcta de seus alumnos, visto que, desta, depende a boa comprehensão de todas as outras disciplinas.

P.—Vamos agora reparar este quadro.

A professora, medindo os lados do mesmo com um cordel qualquer ou uma regua, deixará que os alumnos mesmos dêem a resposta, de accordo com o que observarem.

Professora—Que é que vocês observaram? Diga você, Paulo.

Alumno—Tudo é igual.

P.—E' isto mesmo. Todos os lados do quadro são eguaes.

Repita você a mesma cousa.

A.—Todos os lados do quadro são eguaes.

P.—Pois bem. A um quadro, assim como este, vocês darão o nome de quadrado. Haverá aqui, na sala ou no Grupo, alguma cousa que se pareça com um quadrado? Responda você, André.

A.—O ladrilho da varanda.

P.—Diga assim: Ha o ladrilho da varanda.

A.—Ha o ladrilho da varanda.

P.—Continuemos a reparar o quadro. No meio, separando a bola de um signal, ha o que, Joaquim?

A.—Um risco.

P.—Responda: Ha um risco.

A.—Ha um risco.

P.—E' isto mesmo. Ha um risco, um traço, a que vocês darão o nome de linha vertical. Que ha nesta sala, parecendo linha vertical, Affonso?

A.—Ha o fio da luz electrica.

P.—Muito bem. Paulo, ponha um de seus dedos na posição vertical. Alvaro, fique na posição

vertical. Que é que Alvaro deve fazer, Maria, para se pôr na posição vertical?

A.—Levantar.

P.—Diga: Deve levantar-se.

A.—Deve levantar-se.

P.—De que lado do quadrado (voltando-se para este) está a bola? Do lado direito ou esquerdo, Abigail? (Aproveite-se o ensejo, para se dar noção de lado direito e esquerdo).

A.—A bola está do lado esquerdo.

P.—De que?

A.—Do quadrado,

P.—Diga tudo, então: A bola está ao lado esquerdo do quadrado.

A.—A bola está ao lado esquerdo do quadrado.

P.—Levante sua mão direita, Pedro. A esquerda, Julio. Quantas mãos direitas você tem, Antonio?

A.—Tenho uma.

P.—E você, Altair, quantas mãos esquerdas tem?

A.—Tenho uma.

P. Com quantos chapéos você veio ao Grupo, Ricardo?

A.—Vim com um só.

P.—Mostre-me um dedo, Josaphat. Um lapis, Carlos.

Pois bem. Um dedo, um chapéo, um lapis, uma bola etc., são representados por este signal (mostrando o quadro) que vocês vêem aqui, ao lado direito da bola e que se chama numero um.

Vou escrevel-o no quadro negro, para vocês verem como é feito—1.

Vamos agora estudar o outro quadro que se acha logo abaixo do de uma bola. Elle é igual ao de uma bola? Terá todos os lados eguaes? Venha medil-os, Ephygenia.

A alumna, obedecendo á ordem:

A.—Não, senhora. Os lados não são eguaes.

P.—A este quadro e a outros, como este, vocês poderão baptisal-o com o nome de retangulo. Quero que você, Celia, me mostre algum objecto desta sala, que se pareça com retangulo.

A.—A mesa da carteira, o quadro negro, os vidros da vidraça.

P.—Muito bem. Vamos vêr quantas bolas estão dentro do rectangulo, Diga você, Josephina.

A.—Duas.

P.—Duas o que?

A.—Duas bolas.

P.—Fale tudo direitinho: Dentro do rectangulo, estão duas bolas.

A.—Dentro do rectangulo, estão duas bolas.

P.—Estão aqui duas bolas, isto é, uma bola mais uma bola. Anna, mostre-me dois dedos da mão direita. Em cada carteira, quantos meninos ha?

A.—Ha dois meninos.

P.—O signal que representa duas bolas, dois dedos, dois meninos é este (aponta o quadro D) que está ao lado direito das duas bolas. Chama-se numero dois e se escreve assim: (dirigindo-se para o quadro)—2. Então, Mario, uma bola com mais uma bola quantas são?

A.—São duas bolas.

P.—Um lapis mais um lapis quantos lapis são, Oswaldo?

A.—São dois.

P.—O que? Repitam sempre o nome do objecto ou da cousa que eu falar, pronunciando bem claros os finais das palavras.

A.—São dois lapis.

P.—(Voltando-se para o quadro) Quantas vezes uma bola você vê em duas bolas, Homero?

A.—Vejo duas vezes uma bola.

P.—Muito bem. Então, em vez de falarmos uma bola mais uma bola, poderemos falar de um modo mais facil—duas vezes uma bola. Duas vezes uma bola, quantas são, Elpidio?

A.—São duas bolas.

P.—E duas vezes uma laranja?

A.—São duas laranjas.

P.—Nair, vou dar-lhe dois lapis para você repartil-os por duas colleguinhas suas. (Depois da distribuição). Quantos lapis você deu a cada uma?

A.—Dei um lapis a cada uma.

P.—Com quantos você ficou?

A.—Não fiquei com nem um.

P.—E si você tivesse dado só á Joanna um lapis, com quantas você ficaria? Tome o de Alice.

A.—Ficava com um lapis.

P.—Então, de dois, tirando-se um, quantos ficam?

A.—Fica um lapis.

P.—Mostra no quadro e na carta, Helena, os numeros que representam uma e duas bolas. Vamos agora passar ao quadro que se acha á direita do quadrado. Venha, Antonio, mostrar-me qual é esse quadro. Quantas bolinhas ha ahi? Conte-as.

A.—Uma, duas e tres.

P.—O que?

A.—Bolinhas.

P.—Diga como eu quero que vocês respondam. São tres bolinhas.

A.—São tres bolinhas.

P.—Muito bem. Uma bolinha mais uma bolinha mais uma bolinha são tres bolinhas. O quadro onde ellas se acham é quadrado ou é rectangulo, João?

A.—E' rectangulo o quadro, onde ellas se acham.

P.—Então, José, uma laranja mais uma laranja mais uma laranja quantas laranjas são?

A.—São tres laranjas.

P.—Celina, mostre-me tres dedos da mão direita. Aponte-me tres objectos da sala, Altair, contando-os.

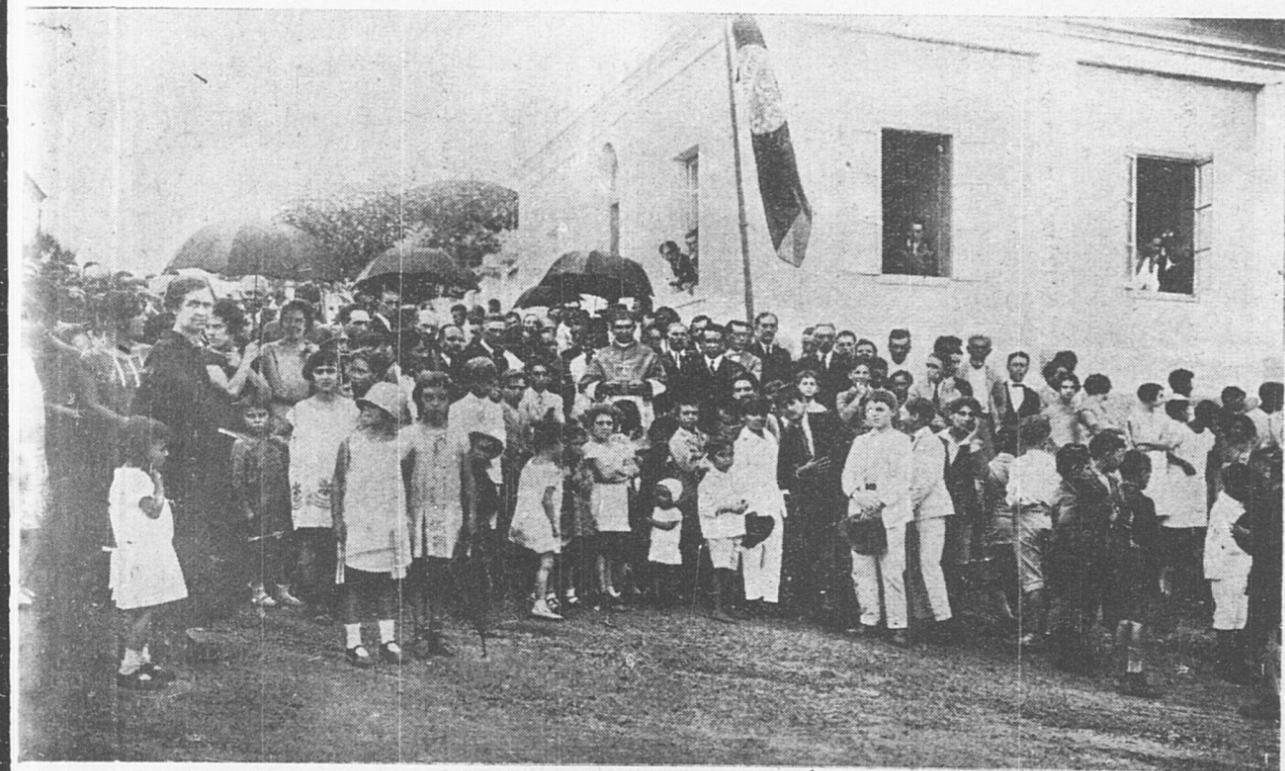
A.—A cesta, (um) a regua, (dois) a lousa, (tres).

P.—Pois bem. O signal que representa tres bolas, tres objectos, etc., é este (aponta) e se chama numero tres. Vou escrevel-o no quadro negro tambem. Miguel, tire na mesa tres lapis. Bento, vá tirar dois lapis. Noé, tire um. Fiquem á frente da classe, segurando os lapis com a mão direita levantada.

Voltando-se para os outros alumnos, a professora dirá:

P.—Maria, qual desses tres collegas seus tem mais lapis?
 A.—E' Miguel que tem mais lapis.
 P.—Quantos lapis elle tem mais do que Bento?
 A.—Tem um lapis.
 P.—E do que Noé?
 A.—Tem dois lapis.
 P.—Muito bem. Quantos lapis Noé tem menos do que Miguel, Antonio?
 A.—Tem dois lapis menos do que Miguel.
 P.—E do que Bento?
 A.—Tem um lapis menos do que Bento.
 P.—E Bento quantos lapis tem menos do que Miguel e quantos tem mais do que Noé?
 A.—Bento tem menos um lapis do que Miguel e tem mais um lapis do que Noé.
 P.—Perfeitamente. Bento e Noé podem assentar-se. Miguel vae repartir seus lapis por tres meninos, seus collegas. (Depois da distribuição). Quantos lapis você deu a cada um?
 A.—Cada um recebeu um lapis (ou eu dei um lapis a cada um).
 P.—Com quantos você ficou?
 A.—Fiquei sem nem um.
 P.—Quantas vezes um lapis você vê em tres lapis?
 A.—Vejo tres vezes um lapis.

P.—Em vez, então, de falarmos um lapis mais um lapis mais um lapis, diremos como, Mario?
 A.—Diremos tres vezes um lapis.
 P.—Você, Alfredo, comprando uma laranja, depois outra e ganhando outra, com quantas você fica?
 A.—Fico com tres laranjas.
 P.—E si elle chupar uma laranja, Antão, com quantas fica?
 A.—Fica com duas laranjas.
 P.—E si elle chupar duas, com quantas ainda fica?
 A.—Fica com uma laranja.
 P.—Venha, Odette, reunir outra vez os lapis. Mostre no quadro negro o n. que representa a quantidade de lapis que você tem na mão. Tire um lapis e ponha sobre a mesa. Mostre agora o n. que representa essa outra quantidade. Tire outro lapis e mostre o numero correspondente.
 Vamos agora, passar ao quadro que se acha abaixo do tres bolinhas. Quantas bolinhas vocês vêem aqui? Diga você, Andrelina.
 A.—Vejo quatro bolinhas.
 P.—E' mais ou menos do que tres bolinhas, Joanna?
 A.—E' mais.
 P.—Quantas vezes mais?
 A.—E' mais uma vez.



Festa da Bandeira em Guaxupé — 19-XI-925

P.—Muito bem. Você viu então uma bolinha mais uma bolinha mais uma bolinha mais uma bolinha, isto é, quatro bolinhas. Então, José, uma pera mais uma pera mais uma pera mais uma pera quantas são?
 A.—Quatro pera.
 P.—Diga: são quatro peras.
 A.—São quatro peras.
 P.—Mostre-me e fale quatro partes do seu corpo, Josina.
 A.—A mão, o dedo, o pé, a cabeça.
 P.—Mostre-me quatro objectos seus, Celio. Fale seus nomes.
 A.—O livro, o lapis, o chapéo, a lousa.
 P.—A mesa quantos pés tem, Josina?
 A.—A mesa tem quatro pés.
 P.—Pois bem. Quatro objectos, quatro pés, quatro lapis são representados tambem por um signal. Venha você, Helio, mostrar-me, na carta, qual é o numero que representa quatro cousas, quatro bolinhas, etc. (Deixar que a creança, por si, descubra agora, na carta, os numeros que representam as quantidades de bolas). Vou escrevel-o tambem no quadro negro—4. Nair, vá tirar na mesa quatro lapis, conte-os á frente de todos e reparte-os por quatro colleguinhas suas.
 A.—Um, dois, tres e quatro bolinhas.
 P.—(Depois da distribuição) Quantos lapis você deu a cada collega?
 A.—Dei um lapis a cada uma.
 P.—Com quantos você ficou?
 A.—Não fiquei com nem um.
 P.—Então quantas vezes um ha em quatro lapis?
 A.—Ha quatro vezes um lapis.
 P.—Como posso então falar?
 A.—Quatro vezes um lapis.
 P.—Perfeitamente. Reuna outra vez os lapis e passe-os ao Jorge. Jorge, você agora vae repartir os lapis só para dois collegas seus, de modo que você não fique com nem um e cada um receba a mesma quantidade. Quantos você deu a cada um?
 A.—Dei dois lapis a cada um.
 P.—Quantos você recebeu, Roberto?
 A.—Recebi dois lapis.
 P.—E você, Altamir?
 A.—Recebi tambem dois lapis.
 P.—Então, Jorge, quantas vezes dois você vê em quatro?
 A.—Vejo duas vezes dois.
 P.—Então, duas vezes dois lapis quantos são?
 A.—São quatro lapis.
 P.—E dois lapis mais dois lapis Margarida?
 A.—São quatro lapis tambem.
 P.—Em vez de falar dois lapis mais dois lapis, como posso dizer?
 A.—Duas vezes dois lapis.
 P.—E quatro vezes uma caneta?
 A.—São quatro canetas.
 P.—E tres vezes um lapis? Duas vezes uma pera?
 Venha, Josephina, tomar os lapis e dar um para Petrina.
 A.—Tenho cinco canetas nas duas mãos.

Com quantos você ficou?
 A.—Fiquei com tres lapis.
 P.—E si você der agora tres, com quantos você fica?
 A.—Fico com um lapis.
 P.—Então, José, si Você tiver quatro ameixas e der uma, com quantas fica?
 A.—Fico com tres ameixas.
 P.—E dando tres?
 A.—Fico com uma ameixa.
 P.—Josephina, reuna os lapis e dê dois para Maria. Com quantos você ficou?
 A.—Fiquei com dois lapis.
 P.—E' mais ou menos do que Maria?
 A.—E' igual.
 P.—Então si você comprar quatro agulhas e perder duas, com quantas você fica?
 A.—Fico com duas agulhas.
 P.—Venha, Alvaro, tomar os lapis e mostrar-me qual o numero no quadro, que representa essa quantidade de lapis. Tire dois e ponha na mesa. Qual é o numero que corresponde, agora, á quantidade que você tem na mão? Mostre-o no quadro. Pode assentar-se. Venha a Helena contar em voz clara as bolinhas que se acham no rectangulo á direita do de tres bolinhas.
 A.—Uma, duas, tres, quatro, cinco bolinhas.
 P.—Quer dizer que uma bolinha mais uma bolinha mais uma bolinha mais uma bolinha são cinco bolinhas. Mostre, ahi, qual é o numero que representa essa quantidade de bolinhas. Como se chama esse numero, Mario?
 A.—Cinco
 P.—Muito bem. Vou escrevel-o no quadro negro como o fiz com os outros—5. Quantas vezes uma bolinha elle contou, Edgar?
 A.—Cinco vezes uma bolinha.
 P.—Como posso dizer então?
 A.—Cinco vezes uma bolinha.
 P.—Cinco vezes uma bolinha quantas são, Pedro?
 A.—São cinco bolinhas.
 P.—E tres vezes uma? E duas vezes uma? E duas vezes duas? E quatro vezes uma? Josaphat, tire na mesa cinco canetas, conte-as á frente de todos e depois faça a distribuição dellas com cinco collegas seus.
 A.—Uma, duas, tres, quatro, cinco.
 P.—O que?
 A.—Caneta.
 P.—Fale tudo bem direitinho. Uma, duas, tres, quatro, cinco canetas.
 A.—Uma, duas, tres, quatro, cinco canetas.
 P.—Distribua-as agora. Quantas você deu a cada um?
 A.—Dei uma a cada um.
 P.—Quantas vezes um você vê em cinco?
 A.—Vejo cinco vezes
 P. Muito bem. Reuna de novo as canetas e passe-as ao João. João, ponha tres canetas na mão direita e duas na mão esquerda. Quantas tem nas duas mãos?
 A.—Tenho cinco canetas nas duas mãos.



Festa da Bandeira em Guaxupé — Alunos das Escolas Municipaes

os numeros escriptos; Santóro mostrará na carta, á medida que elle fôr lendo a quantidade de bolas que os numeros representam.

Assim, com o variado exercicio dos valores dos cinco primeiros numeros, os alumnos, brincando e se distraindo com a applicação dos conhecimentos dados, com lapis, canetas e outros objectos, aprenderão a ter noção de somma, subtracção, multiplicação e divisão, ao mesmo tempo que, intuitivamente, se preparam para as noções de metade, terça, quarta, quinta, etc. partes e os diversos modos de obter-se a somma dos ns. conhecidos, evitando-se o trabalho fastidioso da decoracão taboa de sommar.

Para a recapitulacão do que foi dado, a professora fará, no quadro negro, grupos de linhas verticaes, quadrados, rectangulos, etc., que representem as quantidades numericas, conhecidas. Sobre a mesa, porá tambem grupos de objectos. Ao lado, no quadro negro, escreverá os numeros de um a cinco. Chamará de cada vez dois alumnos: um mostrará os grupos de verticaes, quadrados, etc. ou de objectos da mesa, designados pela professora; o outro mostrará os numeros correspondentes ás quantidades indicadas.

Depois, a professora designará tambem um alumno da classe para imital-a. Esse escolherá os

collegas, aos quaes elle fará perguntas sobre os conhecimentos adquiridos. Isto, além de desembaraçar o alumno, reforça o que elle aprendeu, estimula-o, ensina-o a transmitir o que sabe e descança um pouco á professora que terá opportunidade de arguir a tres ao mesmo tempo.

A principio, é necessario que ella ensine e dirija as perguntas; mas, em pouco tempo, o seu trabalho será compensado, porque haverá logo, na classe, alumnos que arguam tão bem quanto ella.

Não convém que a professora passe além de cinco, emquanto toda a classe não souber lêr, conhecer os cinco primeiros ns. pelos seus valores, com variados exercicios sobre as quatro operações e escrevel-os bem no quadro e nas lousas.

Para o feitio das letras numericas, é preciso haver cuidado para que os alumnos não se viciem, escrevendo-as ao seu modo, nem tomem posição anti-hygienica para pegar do lapis ou se assentar nas carteiras.

Depois que a classe tiver assimilado bem as explicacões dadas, a professora, seguindo a mesma orientacão, ensinará de 6 a 10, conforme a taboa de Paker, utilizando-se tambem do contador mechanico.

Bello Horizonte, 29 de Dezembro de 1925.

PARA FAZER A RAÇA FORTE E ENERGICA

METHODOS DE EDUCAÇÃO PHYSICA

“O corpo e o espirito devem ser objectos da mesma solicitude e o ser humano deve ser desenvolvido todo inteiro”. Baseado neste salutar principio, o governo de Minas empenha-se em dar á educação physica o mesmo impulso que vem recebendo a educação intellectual. Devemos reagir energicamente e combater as causas do enfraquecimento physico, que provocam tambem o enfraquecimento moral.

Como conseguir tudo isso? Como evitar esses males?

— «Um bom methodo de educação physica póde reconstituir uma raça ou mantel-a forte e energica».

Assim, a educação physica em nossas escolas deverá ser orientada, principalmente, no sentido de melhorar as condições physicas da geração que se inicia na vida, de fórma a habitual-a a poder despende com vantagem, de futuro, os esforços e energias que outros estudos de ordem mais séria irão requerer da vida adolescente; incutirá, ao mesmo tempo, o habito do exercicio quotidiano ao ar livre, elemento basico da saúde, de cuja falta se resentem as gerações brasileiras de hoje!

O segredo dos resultados praticos da educação

physica está principalmente em interessar a criança nos exercicios que vae fazer, de modo que veja nelles, não uma disciplina escolar, mas uma derivação de prazer, dentro de suas obrigações diuturnas.

Qual o methodo a seguir?

— Para a educação do corpo, a gymnastica é, sem duvida, o agente poderoso: torna-o sadio, bello e forte; suggere ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade.

Entre nós, não estão ainda bem comprehendidos a razão e os efeitos da gymnastica.

E' urgente reagir.

«O exercicio gymnastico não sómente desenvolve os orgams, mas tambem as qualidades. Não é só a fibra muscular que se espessa: é o caracter que se enrija».

Assim, a educação physica deve ser parte integrante, e não complementar, do programma das nossas escolas. A educação physica torna-se mais necessaria durante o crescimento, pois é justamente quando o corpo se desenvolve.

P.—Desça a mão direita. Com quantas ficou na esquerda?

A.—Fiquei com duas canetas.

P.—Faço o contrario agora. Desça a esquerda.

Com quantas ficou na direita?

A.—Fiquei com tres canetas.

P.—Então de cinco cousas, você tirando tres, quantas ficam, André?

A.—Ficam duas cousas.

P.—E tirando duas?

A.—Ficam tres cousas.

P.—E você, Margarida, tendo tres cousas e ganhando duas, com quantas fica?

A.—Fico com cinco tambem.

P.—Venha agora o Paulo tirar sobre a mesa cinco lapis, pondo um na mão direita e os outros quatro na esquerda. Quantos elle tem nas duas mãos, Alda?

A.—Tem cinco lapis.

P.—Desça a mão direita. Quantos elle tem agora, Jair?

A.—Tem quatro lapis.

P.—Desça a esquerda e levante a direita.

Quantos elle tem agora, Rita?

A.—Tem um lapis.

P.—Então Paulo, de 5 lapis você tirando um, ficam quantos?

A.—Ficam quatro lapis.

P.—E de cinco, tirando quatro?

A.—Fica um lapis.

P.—E você, Aida, tendo uma laranja e ganhando mais quatro quantas têm?

A.—Tenho cinco laranjas.

P.—E, tendo quatro, ganhando mais uma?

A.—Tenho cinco tambem.

P.—Então, tanto vale dizer uma mais quatro como quatro mais uma, tudo é a mesma cousa, não é?

A.—E', sim, senhora.

P.—E tres mais um? E um mais tres? E dois mais dois? E um mais um?

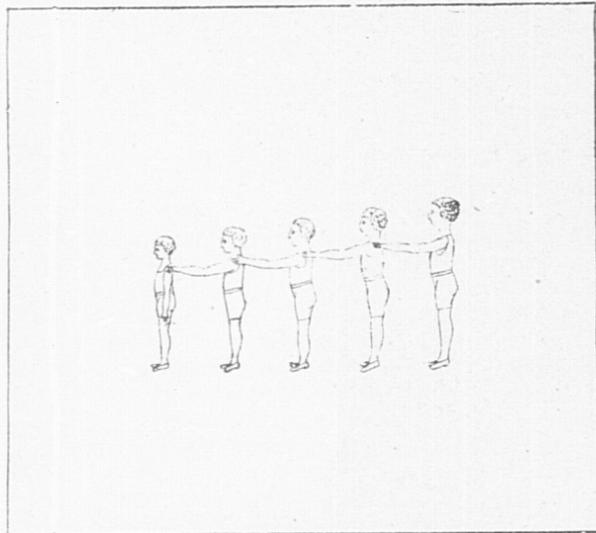
Para variar, podem-se tambem occultar as bolinhas da carta com a regua, para se fazer os mesmos exercicios de somma e subtracção.

P.—Vamos terminar a aula, vindo ao quadro o Bretas e o Santóro. Bretas lêrá no quadro todos

Dahi, a necessidade imperiosa de abraçar a criança essa instrução.

— A educação physica, em nossas escolas primarias, comprehenderá exercicios naturaes, respiratorios, suecos, jogos e a gymnastica rythmica.

Tratemos dos exercicios naturaes — marchar, correr, saltar, arremessar, conduzir, trepar, ataque e defesa.



1.º — MARCHAR

Uma aula de gymnastica deve ser iniciada pela "marcha" que deve ser executada tambem no meio e no fim da mesma.

A' entrada dos alumnos, á voz de commando: *Formar fileira!* — collocam-se os discipulos atraz uns dos outros, por sequencia de altura, em linha recta. Assim, o menor será o primeiro, e o maior o ultimo da fileira assim formada. Uma vez formada a fileira, abrem-se as distancias, para o que é necessario que cada alumno colloque as mãos aos hombros do da frente e vá recuando.

Abertas as distancias, faz-se a numeração; numeram-se os alumnos até 4 ou 8, conforme a turma de 50 a 100.

(Depois de exercitados, essa formação de fileira deverá ser feita rapida e silenciosamente).

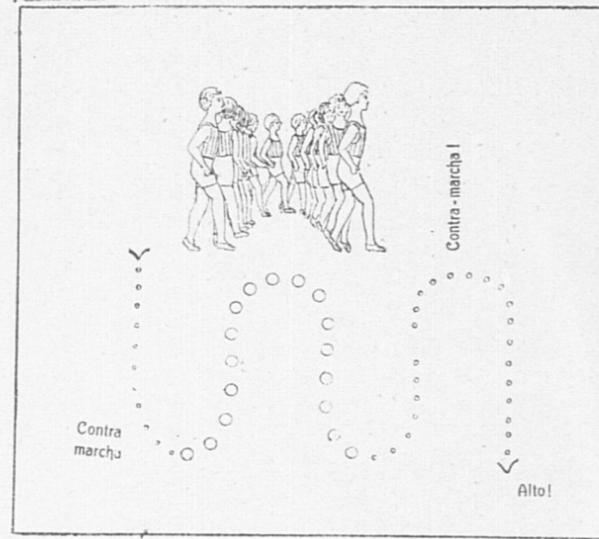
Segue-se a marcha.

A primeira marcha a ser ensinada aos alumnos é a "caminhada simples", sem preocupação de cadencia, tendo o professor o cuidado de corrigir as attitudes defeituosas. A seguir, devem ser ensinadas as marchas — "cadenciada", "nas pontas dos pés", "com elevação dos joelhos", "com o tronco flexionado", "acelerada", "com movimentos alternados ou simultaneos, dos braços", "com canticos", "com assobios".

Durante a marcha cadenciada, o professor deve impedir que os alumnos batam os pés; deve ser abolida a marcação de tempo pelo professor.

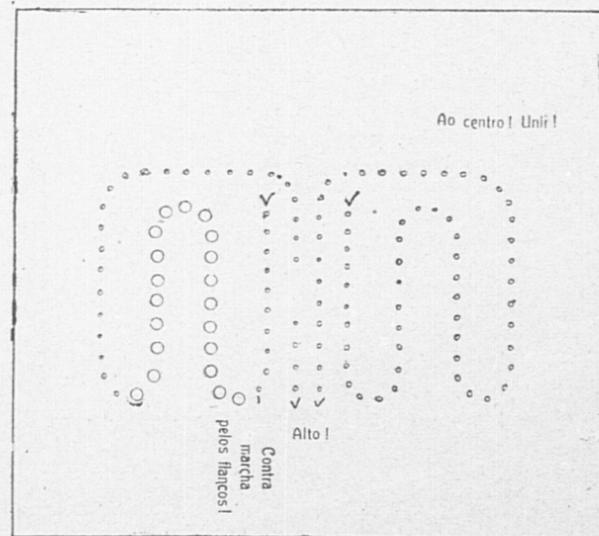
Os movimentos simultaneos ou alternados dos braços applicados á marcha são:

1.º — *Mãos na cintura!* — A esse commando, os alumnos baterão palma á frente e marcharão de mãos á cintura. — *Mãos ao peito!* — (palma á frente e mãos ao peito). — *Mãos na nuca!* — (palma á frente e mãos na nuca). — *Mãos na testa!* — (palma á frente e mãos na testa). — *Mãos na cabeça!* — (palma á frente e mãos na cabeça).



MARCHA SINUOSA

Os alumnos formam-se em fileira e marcham. A' voz de commando: *Contra-marcha!* o guia, seguido de todos os outros, descreve uma curva e marcha parallelamente á primeira fileira. Ao novo commando: *Contra-marcha!* o guia procurará formar outra linha parallela, continuando assim até ao commando: *Alto!*



CONTRA-MARCHA PELOS FLANCOS

Para execução da "contra-marcha pelos flancos", é necessario que os alumnos se formem a 2, em columnas, ao centro.

A' voz de commando: *Contra-marcha pelos flancos!* — os discipulos da direita marcham para a direita; os da esquerda, para a esquerda; marchem em columnas parallelas, dirigindo-se ao extremo da linha. Ahi, novamente o commando: *Contra-marcha!* Em contra-marcha, marcham parallelamente

ás columnas já formadas. Uma vez distanciadas as columnas, ao novo commando: *Ao centro! Unir! Em acelerado!* — todos os alumnos, em marcha acelerada, dirigem-se aos logares de onde partiram, marcando passo até ao commando: *Alto!*

NOTA — Estas marchas podem ser feitas: em marcha ordinaria; nas pontas dos pés; com elevação dos joelhos; acelerada; com movimentos simultaneos, ou alternados, dos braços, etc.

PARA DAR UM FREMITO DE VIDA AO AMBIENTE ESCOLAR

DESCRIPÇÃO DE ALGUNS JOGOS INTERESSANTES

E' preciso dar prazer á criança, como se lhe dá o pão. Tratemos, pois, de procurar, nos jogos gymnasticos, exercicios attrahentes, que ponham em actividade grande numero de musculos ao mesmo tempo: os resultados geraes desse exercicio se farão sentir em todas as partes do corpo.

Os jogos produzem os mais efficazes efeitos para tornar a criança alegre, forte e vigorosa. Aperfeiçoam-lhe os movimentos já bem conhecidos — carreira, salto, arremesso, etc., suscitando-lhe disciplina, ordem, solidariedade.

Si a criança joga mal e perde a partida, ganha sempre os beneficios higienicos do jogo. Si é a ultima a chegar ao fim da corrida, não terá, apesar disso, menos proveito que a primeira, pois executou o mesmo trabalho muscular que ella.

Os jogos gymnasticos, feitos em competições de classes contra classes, Grupos Escolares contra Grupos, alem de trazerem alegria ás crianças, confraternizam-n'as entre si.

Daremos os seguintes jogos, que muito se prestam á competiçao entre classes ou Grupos Escolares diversos, da autoria do professor Oliveira Gomes:

JOGOS DAS BOLAS

12	1			
12	3 2 1	Z	7 ^m	Z
12	6 5 4 3 2 1	1	2

. — alumno

Z — zona — 1, 80

Material — tantas bolas n.º 3, quantas sejam as turmas a competir.

REGRA — Os alumnos de cada turma formam uma columna de 12. Ao ser iniciado o jogo, a bola es-

tará collocada dentro da zona 1, em frente ao alumno de numero 1. Dado o signal de partida, o alumno 1 penetra na zona 1, apanha a bola, corre á zona 2 e, dahi, arremessa-a ao alumno 2. (Logo que o alumno 1 saeda da zona 1, o alumno 2 nella penetrará). Arremessada a bola, o numero 1 vae collocar-se atraz da zona 2. O alumno 2, ao receber a bola, faz o mesmo que o numero 1, arremessando-a ao alumno 3 e, assim por diante, até o ultimo alumno (12), ao aposar-se da bola, corre á zona 2; ahi chegado, eleva a bola acima da cabeça, para mostrar que terminou a carreira.

Marca 1 ponto a turma que terminar em primeiro lugar. O segundo ponto será disputado em sentido inverso, isto é, da zona 2 para a zona 1.

A turma que conseguir 3 pontos, vencerá a partida.

Nota — Si o alumno receber a bola no terreno da corrida, isto é, entre as duas zonas, terá que voltar á zona, para dar sahida, sem o que sua turma será desclassificada. O mesmo acontecerá á turma, si algum de seus componentes arremessar a bola do terreno da corrida, sem estar convenientemente collocado dentro da zona.

CORRIDA DE ESTAFETAS

.....	1				12
.....	3 2 1	Z	1	Z	7 8 9	
6 5 4 3 2 1					7 8 9 10 11 12	

. — alumno

Z — zona — 1, 80

Material — tantos lenços ou bandeiras, quantas sejam as turmas a competir.

REGRA — As turmas dividem-se, metade para cada extremo do campo ou pateo, formados em linha. Dado o signal de partida, o alumno 1 de cada turma penetra na zona 1, apanha o lenço ou bandeira que ali encontrar, corre á zona 2, atirando ahi, o lenço ou bandeira que levava. O primeiro da turma fronteira (7) apanha-o immediatamente, levando-o

da zona 2 á zona 1. E, assim por deante, até correr o ultimo (12) que, tomando o lenço ou bandeira, com elle para o lado opposto.

A turma que, em primeiro logar, terminar a corrida de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto.

A partida é feita em 3 ou 5 pontos, conforme a distancia entre as zonas, seja — curta ou longa.

PEQUENAS NOTICIAS E PEQUENOS COMMENTARIOS

HA nos Estados Unidos, actuando intensamente no desenvolvimento do ensino, a associação de Paes e Professores, que tem por fim «promover relações mais intimas e cooperação mais cordial e intelligente entre a escola e o lar». Por intermedio destas agremiações, a instrucção recebe a collaboração entusiastica das familias dos alumnos, as quaes realizam, com os professores, um trabalho de conjuncto, efficiente e brilhante. Os problemas geraes da escola, as suas necessidades, o esforço do professor, o aproveitamento dos discipulos, os methodos de ensino, as discussões, os programmas escolares—têm uma repercussão viva e forte em casa dos alumnos.

São a escola e o lar completando-se, juntandose na sua actuação, para modelar, nas crianças, os nobres cidadãos de amanhã.

A associação das Mães de Família, que floresce hoje em toda Minas, á luz imperadora do presidente Mello Vianna, póde realizar, com o mesmo esplendor, este alto trabalho de construcção e de fé.

Iniciam-se, por exemplo, agora, as matriculas nas escolas e grupos do Estado. Desde já se abre, pois, uma luminosa oportunidade para que as senhoras mineiras concorram a levar para as aulas, em todos os municipios, os nossos pequeninos patricios, que mais tarde saberão agradecer, em serviços á Patria, esse delicado gesto de civismo e de bondade...

OS municipios brasileiros arrecadam, segundo nos informa o *Jornal do Commercio*, setecentos a oitocentos mil contos por anno. Si dez por cento desta somma fossem annualmente applicados ao serviço do ensino, teriamos 70 a 80 mil contos applicados pelos municipios do Brasil, todos os annos, ao problema da alphabetização do povo.

A eloquencia destes Algarismos define, integralmente, a vantagem da collaboração dos municipios na grande obra civilizadora da instrucção, problema de larga complexidade, que não póde alcançar exito, sem que se móva tambem, a plantar a boa semente e a irrigal-a com a sua generosidade, o braço irmão dos municipios.

Em nosso Estado, vae-se accentuando, merecê de Deus, esta comprehensão do problema, que é o que empolga, por excellencia, a attenção melhor dos grandes governos.

Já na mensagem do anno passado, a primeira da actual administração, os numeros que denunciavam o auxilio municipal á instrucção primaria subiram ao dobro da somma anterior.

Esperemos agora, este anno, o resultado que nos vão apresentar as municipalidades mineiras. Esperemos o que nos vae dizer a alma emprehedora daquelles que dirigem e movimentam tantas parcelas generosas, em que se divide, como irmãos de uma só familia, a grande collectividade mineira.